

JOSÉ MARIA ALVES

**POESIA PARA CRIANÇAS
ANTOLOGIA BREVE**

www.homeoesp.org
www.josemariaalves.blogspot.com

INTRODUÇÃO

Já dissemos noutro lugar, que a poesia é algo vivo, um algo que não tem definição. É Beleza e Verdade, é Vida; a Vida no seu permanente deslumbre.

Elaborar uma antologia poética não é tarefa fácil e muito mais dificultosa se torna, quando a mesma é dirigida a crianças e jovens.

Penso, tal como Antero de Quental, que para as crianças, se a escola não for jardim, será apenas insuportável prisão e a doutrina caso não seja encanto, será tão somente tortura, como tortura é também nos tempos conturbados em que vivemos, o relacionamento familiar.

Não há que culpar os jovens dos seus hábitos, mas antes, seus educadores e progenitores. Estes últimos, sempre demasiadamente assoberbados por inúmeras tarefas e lazeres, para contribuírem como lhes incumbe, na formação do carácter e personalidade de seus filhos. O século XXI é o século das "baratas-tontas", sempre atarefadas com as suas carreiras mesquinhas e com os seus pertences e aparência; o século dos deuses, "poder" e "ouro".

Neste cenário pouco convidativo, convenhamos que urge despertar a imaginação e a inata tendência poética das crianças, se ansiamos no porvir, à existência de um mundo melhor.

Esse despertar da sensibilidade, nunca será conseguido caso as confinemos, por comodismo, ao "escuro" progresso da electrónica: dos ordenadores e seus descendentes e derivados.

O sentimento ético e estético, provocado instintivamente pela poesia, poderá ter a virtualidade de animar uma mundividência, que alicerçará uma afeição ao Todo, sensibilidade à Vida e exaltação da Alma, contrariando deste modo uma estereotipia gerada pela especialização.

Para além dos poetas consagrados, todos de língua portuguesa, coligimos algumas canções populares.

A edição dos poemas, cerca de 130 – *alguns sofreram ligeiras alterações ou supressões para melhor compreensão* –, não tem como numa antologia exemplar uma ordem estruturada por datas e autores, mas antes, pela maior ou menor dificuldade de entendimento, permitindo um movimento de leitura sequencial às crianças e jovens.

Os que aparentam maior complexidade interpretativa constituem-se como provocação ao trabalho conjunto de leitores, pedagogos e progenitores.

Que estes poemas possam ser lidos em família, que possam despertar nas nossas crianças o sentimento do Belo e do Bem, é a minha mais sincera esperança.

AS CRIANÇAS

Repele alguém do Mestre, brutalmente,
os louros querubins de rostos finos.

- Mas o sábio Rabi lhes diz, clemente:
«Deixai virem a mim os pequeninos.

Deixai-os vir a mim. Sou o ceifeiro
que nada perde, e os mundos vem ceifar.

- Feliz de quem como estes é rasteiro.
- Ai daquele, cruel, que os molestar!»

GOMES LEAL

*À Kika, Yara, Bernardo,
e ao Vasquinho – este que por “injustiça” natural nunca
conseguirá ler ou entender qualquer um destes poemas,
mas que na nossa pequena aldeia Beirã, comigo lê, sem
interpretar, comparar ou julgar, o maior de todos os
poemas: A Beleza da Natureza e da Vida.
A todas as crianças do mundo.*

JOSÉ MARIA ALVES

DEZEMBRO 2009

O PASTOR

Pastor, pastorinho,
onde vais sozinho?

Vou àquela serra
buscar uma ovelha.

Porque vais sozinho
pastor, pastorinho?

Não tenho ninguém
que me queira bem.

Não tens um amigo?
Deixa-me ir contigo.

EUGÉNIO DE ANDRADE

HISTÓRIA ANTIGA

Era uma vez, lá na Judeia, um rei.
Feio bicho, de resto:
Uma cara de burro sem cabresto
E duas grandes tranças.
A gente olhava, reparava, e via
Que naquela figura não havia
Olhos de quem gosta de crianças.

E, na verdade, assim acontecia.
Porque um dia,
O malvado
Só por ter o poder de quem é rei
Por não ter coração,
Sem mais nem menos,
Mandou matar quantos eram pequenos
Nas cidades e aldeias da Nação.

Mas,
Por acaso ou milagre, aconteceu
Que, num burrinho pela areia fora,
Fugiu
Daquelas mãos de sangue um pequenino
Que o vivo sol da vida acarinhou;
E bastou
Esse palmo de sonho
Para encher este mundo de alegria;
Para crescer, ser Deus;
E meter no inferno o tal das tranças,
Só porque ele não gostava de crianças.

MIGUEL TORGA

LEVAVA EU UM JARRINHO

Levava eu um jarrinho
P´ra ir buscar vinho
Levava um tostão
P´ra comprar pão;
E levava uma fita
Para ir bonita.

Correu atrás
De mim um rapaz:
Foi o jarro p´ra o chão,
Perdi o tostão,
Rasgou-se-me a fita...
Vejam que desdita!

Se eu não levasse um jarrinho,
Nem fosse buscar vinho,
Nem trouxesse uma fita
Para ir bonita,
Nem corresse atrás
De mim um rapaz
Para ver o que eu fazia,
Nada disto acontecia.

FERNANDO PESSOA

A NAU CATRINETA

Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide, agora, senhores,
Uma história de pasmar.

Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija,
Que a não puderam tragar.
Deitaram sortes à ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cair a sorte
No capitão general.

- «Sobe, sobe, marujinho,
Àquele mastro real,
Vê se vês terras de Espanha,
As praias de Portugal.»
- «Não vejo terras de Espanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.»
- «Acima, acima, gajeiro,
Acima ao tope real!
Olha se enxergas Espanha,
Areias de Portugal.»
- «Alvíssaras, capitão,

Meu capitão general!
Já vejo terras de Espanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo três meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.»
- «Todas três são minhas filhas,
Oh! quem mas dera abraçar!
A mais formosa de todas
Contigo a hei-de casar.»
- A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.»
- «Dar-te-ei tanto dinheiro
Que o não possas contar.»
- «Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.»
- «Dou-te o meu cavalo branco,
Que nunca houve outro igual.»
- «Guardai o vosso cavalo,
Que vos custou a ensinar.»
- «Dar-te-ei a nau Catrineta,
Para nela navegar.»
- «Não quero a nau Catrineta,
Que a não sei governar.»
- «Que queres tu, meu gajeiro,
Que alvissaras te hei-de dar?»
- «Capitão, quero a tua alma
Para comigo a levar.»
- «Renego de ti, demónio.
Que me estavas a atentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar.»

Tomou-o um anjo nos braços,
Não no deixou afogar.
Deu um estouro o demónio,
Acalmaram vento e mar;
E à noite a nau Catrineta

Estava em terra a varar.

A ESMOLA DO POBRE

Nos toscos degraus da porta
De igreja rústica e antiga,
Velha trémula e mendiga
Implorava compaixão.
Quase um século contado
De atribulada existência,
Ei-la enferma e na indigência,
Que à piedade estende a mão.

Duas crianças brincavam
À distância, na alameda;
Uma trajada de seda,
Da outra humilde era o trajar.
Uma era rica, outra pobre,
Ambas loiras e formosas,
Nas faces a cor das rosas,
Nos olhos o azul do ar.

A rica, ao deixar os jogos,
Vencida pelo cansaço,
Viu a mendiga – e ao regaço
Uma esmola lhe lançou.
Ela recebe-a; e a criança,
Que a socorre compassiva,
Em prece fervente e viva,
Aos anjos encomendou.

De um ligeiro sentimento
De vaidade possuída,
À criança mal vestida
Disse a do rico trajar:

- «O prazer de dar esmolas
A ti e aos teus não é dado;
Pobre como és, coitado,
Aos pobres o que hás-de dar?»

Então a criança pobre,
Sem más sombras de desgosto,
Tendo o sorriso no rosto,
Da igreja se aproximou;
E após, serena, em silêncio,
Ao chegar junto da velha,
Descobrindo-se, ajoelha,
E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga alvoroçada,
Ao colo os braços lhe lança,
E beija a pobre criança,
Chorando de comoção!
É assim que a caridade
Do pobre ao pobre consola;
Nem só da mão sai a esmola,
Sai também do coração.

JÚLIO DINIS

JESUS PEQUENINO

Estava Maria
À beira do rio,
Lavando os paninhos
Do seu bento filho.

Lavava a Senhora,
José estendia,
Chorava o menino
Com frio que tinha.

Calai, meu menino,
Calai, meu amor!
Do mundo os pecados
Me cortam de dor...

Os filhos dos homens
Em berço dourado,
E vós, meu menino,
Em palhas deitado!

Em palhas deitado,
Em palha esquecido...
Filho d'uma rosa,
D'um cravo nascido!

Os filhos dos homens
Em bom travesseiro,
E vós, meu menino,
Preso a um madeiro!

CANÇÃO POPULAR

O CASAMENTO DA FRANGA

Diz o Galo
Para a Galinha:
- Quando casaremos
A nossa filhinha?
Casaremos
Ou não casaremos:
Agora o noivo
D'onde o arrançaremos?

Salta o Gato
Do seu modo mural:
«Eu estou pronto
Para me ir casar.»
- Agora o noivo
Já nós cá temos;
Agora a madrinha
D'onde a arrançaremos?

Salta a Cabra
Da sua casinha:
«Eu estou pronta
P'ra ser madrinha.»
- Agora a madrinha
Já nós cá temos;
Agora o padrinho
D'onde o arrançaremos?

Salta o Rato
Do seu buraquinho:
«Eu estou pronto
P'ra ser padrinho.»

- Agora padrinho
Já nós cá temos;
Agora o padre
D'onde o arranjaremos?

Salta o Escaravelho
Do seu escaravelhar:
«Eu estou pronto
Para os ir casar.»
- Agora o padre
Já nós cá temos:
Agora o chibo
D'onde o arranjaremos?

Salta o Lobo
Do seu lobal:
«Eu estou pronto
P'ò chibo dar.»
Chibo já nós cá temos;
Agora o vinho
D'onde o arranjaremos?

Salta o Mosquito
Do seu mosquital:
«Eu estou pronto
P'ò vinho dar.»
- Agora o vinho
Já nós cá temos;
Agora o trigo
D'onde o arranjaremos?

Salta o Pardal,
Do seu ninho estar:
«Eu estou pronto
P'ra o trigo dar.»

Acabou-se a boda
Com tal desatino;
Veio o noivo
Engoliu o padrinho.

JAIME CORTESÃO

BARCA BELA

Pescador da barca bela,
Onde vais pescar com ela,
Que é tão bela,
Oh pescador?

Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Oh pescador!

Deita o lanço com cautela,
Que a sereia canta bela...
Mas cautela,
Oh pescador!

Não se enrede a rede nela,
Que perdido é remo e vela
Só de vê-la
Oh pescador.

Pescador da barca bela,
Inda é tempo, fuge dela
Fuge dela
Oh pescador!

ALMEIDA GARRETT

AVE-MARIA

À minha mãe

"Ave Maria", tão pura,
Virgem nunca maculada
Ouvi a prece tirada
No meu peito da amargura!

Vós que sois "cheia de graça",
Escutai minha oração,
Conduzi-me pela mão
Por esta vida que passa!

"O Senhor", que é vosso filho
Que seja sempre connosco,
Assim como "é convosco"
Eternamente o seu brilho!

"Bendita sois vós", Maria,
"Entre as mulheres" da terra;
A vossa alma só encerra
Doce imagem de alegria!

Mais radiante do que a luz
E "bendito", oh Santa Mãe,
"É o fruto" que provém
"Do vosso ventre", Jesus!

Gloriosa "Santa Maria",
Vós que sois a "Mãe de Deus"
E que morais lá nos céus,
Velai por mim cada dia!

“Rogai por nós pecadores”,
Ao vosso filho, Jesus,
Que por nós morreu na cruz
E que sofreu tantas dores!

Orai, “agora”, oh Mãe querida
“E” (quando quiser a sorte)
“Na hora da nossa morte”,
Quando nos fugir a vida!

Ave Maria, tão pura,
Virgem nunca maculada,
Ouvi a prece tirada
No meu peito da amargura

FERNANDO PESSOA

EPIGRAMA

Levando um velho avarento
Uma pedrada num olho,
Pôs-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.

Certo doutor, não das dúzias
Mas sim médico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.

«Dez moedas! (diz o avaro)
Meu sangue não desperdiço:
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso.»

BOCAGE

PIA, PIA, PIA

Pia, pia, pia
O mocho
Que pertencia
a um coxo.

Zangou-se o coxo
Um dia,
E meteu o mocho
Na pia, pia, pia.

FERNANDO PESSOA

LÍNGUA DE NHEM

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém

E estava sempre em casa
a boa da velhinha,
resmungando sozinha
nhem – nhem – nhem – nhem – nhem – nhem

O gato que dormia
no canto da cozinha
escutando a velhinha
pricipiou também

a miar nessa língua,
e se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:
nhem – nhem – nhem – nhem – nhem – nhem

Depois veio o cachorro
de casa da vizinha,
pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além

e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia
nhem – nhem – nhem – nhem – nhem – nhem

De modo que a velhinha

que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém

ficou toda contente
pois mal abria a boca
tudo lhe respondia:
nhem – nhem – nhem – nhem – nhem – nhem

CECÍLIA MEIRELES

O FILHO MORTO

No povo de além da serra
Vai a noite em mais de meio,
E a pobre da mãe velava
Unindo o filhinho ao seio.

«Acorda, meu filho, acorda,
Que esse dormir não é teu;
É como o sono da morte
O sono que a ti desceu.

Tarda-me já um sorriso
Nos teus lábios de rubim;
Acorda, meu filho, acorda,
Sorri-te ledos p'ra mim.»

Mas o pobre doentinho
Em seu regaço expirou;
E a mãe o cobriu de beijos,
E largo tempo chorou.

Em seu pequeno jazigo
Dois dias chorou também;
Ao terceiro, o sino triste
Dobrou à morte de alguém.

E à noite, no cemitério,
Outro jazigo se via:
Era a mãe, que ao pé do filho
Na sepultura dormia.

SOARES DE PASSOS

A RAPOSA E A CEGONHA

O sr. Pombo, o carteiro,
trouxe um bilhete à Cegonha,
em folha de pessegueiro,
que ela soletrou, risonha:

«Dona Raposa, a Vossência,
envia muito saudar,
aguardando a comparência
de Vossência no jantar

que às Tantas do dia Tal
do corrente, se efectua
no Retiro do Pardal,
na rua da Catatua.

Não diga nada ao correio
e creia-me ao seu dispor.
Traje: simples, de passeio
R.S.F.F. (Responda, se faz favor).»

É claro: à hora marcada,
no dia Tal, no bilhete,
Dona Cegonha, apressada
lá seguiu para o banquete.

Mas foi uma decepção,
pois a Raposa, matreira,
fez servir a refeição
numa pedra da ribeira...

E, enquanto a pobre Cegonha

achava o caso bicudo,
a Raposa, sem vergonha,
tratava de comer tudo!

Mas a Cegonha, à saída,
despediu-se em tom amigo:
- Gostei muito da comida!
Almoce amanhã comigo!

De manhãzinha, a Raposa,
sempre cheia de apetite,
não quis saber doutra coisa
senão daquele convite.

- Sim, senhora! Bela mesa! -
gritou logo, satisfeita -
Cheira que é uma beleza!
Há-de me dar a receita...

- Bem digo eu, afinal,
e a colegas das melhores,
que dona de casa igual
não há nestes arredores!

Pôs então o guardanapo,
pensando, de olhos em alvo,
que havia de encher o papo
graças a mais um papalvo...

Já a Cegonha servia,
prazenteira, o seu almoço,
numa bilha muito esguia
e funda que nem um poço.

Só um bico, desta vez,
podia chegar ao fundo...
Foi o que a Cegonha fez:
rapou tudo num segundo.

E fula, de olhar em brasa,
a Raposa, como louca,

teve de voltar a casa,
fazendo cruzeiros na boca.

Vingança é coisa mesquinha!
Mas na vida quem faz mal
paga às vezes a continha
com juro e capital...

ADOLFO SIMÕES MULLER

POEMA PIAL

Toda a gente que tem as mãos frias
Deve metê-las dentro das pias.

Pia número UM,
Para quem mexe as orelhas em jejum.

Pia número DOIS,
Para quem bebe bifos de bois.

Pia número TRÊS,
Para quem espirra só meia vez.

Pia número QUATRO,
Para quem manda as vendas ao teatro.

Pia número CINCO,
Para quem come a chave do trinco.

Pia número SEIS,
Para quem se penteia com bolos-reis.

Pia número SETE,
Para quem canta até que o telhado se derrete.

Pia número OITO,
Para quem parte nozes quando é afoito.

Pia número NOVE,
Para quem se parece com uma couve.

Pia número DEZ,
Para quem cola selos nas unhas dos pés.

E, como as mãos já não estão frias,
Tampa nas pias!

FERNANDO PESSOA

TREM DE FERRO

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virgem Maria que foi isto maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho

Que vontade
De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá

Oô
Menina bonita
De vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede

Oô...
Vou m´imbora vou m´imbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente.

MANUEL BANDEIRA

MINHA MÃE

Da pátria distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
- Minha mãe! -

Nas horas caladas das noites de estio,
Sentado sozinho com a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
O filho querido do seu coração:
- Minha mãe! -

No berço, pendente dos ramos floridos,
Em que eu pequenino feliz dormitava,
Quem é que esse berço com todo o cuidado
cantando cantigas alegres embalava?
- Minha mãe! -

De noite, alta noite, quando eu já dormia,
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus lábios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
- Minha mãe! -

Feliz bom filho, que pode contente
Na casa paterna, de noite e de dia,
Sentir as carícias do anjo de amores,
Da estrela brilhante que a vida nos guia:
- Uma mãe! -

Por isso eu agora, na terra do exílio,

Sentado sozinho com a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
«Oh filho querido do meu coração!»
- Minha mãe! -

CASIMIRO DE ABREU

EPIGRAMA

Foi para a serra caçar
O velho doutor Vicente
Mas logo o foram chamar
Para vir ver um doente.

Ao penetrar na mansarda
Grita-lhe o padre Zé Freitas:
«Você traz hoje espingarda?
Já não tem fé nas receitas?»

FERNANDO PESSOA

BOA NOITE

A zebra quis
ir passear
mas a infeliz
foi para a cama

- teve de se deitar
porque estava de pijama.

SIDÓNIO MURALHA

ARRE, BURRO

Quando a veloz motorizada
lhe demora a pegar
e começa a tossir e a espirrar
o João não faz mais nada,
dá-lhe um grito, um berro, um urro:
«Arre, burro!»
E pela rua fora,
bate-lhe a toda a hora,
com o boné,
como se fosse um chicote.
Por isso a gente que o vê,
inquieta,
supõe que a motocicleta
vai a trote.
E com espanto e desdém
diz que o João não regula bem.

ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA

ANTIGAZETILHA

No comboio descendente
Vinha tudo à gargalhada,
Uns por verem rir os outros
E os outros sem ser por nada –
No comboio descendente
De Queluz à Cruz Quebrada...

No comboio descendente
Vinham todos à janela,
Uns calados para os outros
E os outros a dar-lhes trela –
No comboio descendente
Da Cruz Quebrada a Palmela...

No comboio descendente
Mas que grande reinação!
Uns dormindo, outros com sono,
E os outros nem sim nem não –
No comboio descendente
De Palmela a Portimão...

FERNANDO PESSOA

PROCISSÃO - FESTA NA ALDEIA

Tocam os sinos na torre da igreja,
Há rosmaninho e alecrim pelo chão.
Na nossa aldeia que Deus a proteja!
Vai passar a procissão.

Mesmo na frente, marchando a compasso,
De fardas novas, vem o solidó.
Quando o regente lhe acena com o braço,
Logo o trombone faz popó, popó.

Olha os bombeiros, tão bem alinhados!
Que se houver fogo vai tudo num fole.
Trazem ao ombro brilhantes machados,
E os capacetes rebrilham ao sol.

Tocam os sinos na torre da igreja,
Há rosmaninho e alecrim pelo chão.
Na nossa aldeia que Deus a proteja!
Vai passar a procissão.

Olha os irmãos da nossa confraria!
Muito solenes nas opas vermelhas!
Ninguém supôs que nesta aldeia havia
Tantos bigodes e tais sobranceiras!

Ai, que bonitos que vão os anjinhos!
Com que cuidado os vestiram em casa!
Um deles leva a coroa de espinhos,
E o mais pequeno perdeu uma asa!

Tocam os sinos na torre da igreja,

Há rosmaninho e alecrim pelo chão.
Na nossa aldeia que Deus a proteja!
Vai passar a procissão.

Pelas janelas, as mães e as filhas,
As colchas ricas, formando troféu.
E os lindos rostos, por trás das mantilhas,
Parecem anjos que vieram do Céu!

Com o calor, o Prior vai aflito.
E o povo ajoelha ao passar o andor.
Não há na aldeia nada mais bonito
Que estes passeios de Nosso Senhor!

Tocam os sinos na torre da igreja,
Há rosmaninho e alecrim pelo chão.
Na nossa aldeia que Deus a proteja!
Já passou a procissão.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

CANTIGA DOS REIS

Santos Reis, santos coroados
Vinde ver quem vos coroou
Foi a Virgem, mãe sagrada,
Quando por aqui passou.

O caminho era torto
Uma estrela vos guiou
Em cima de uma cabana
Essa estrela se pousou.

A cabana era pequena
Não cabiam todos três;
Adoraram Deus-Menino
Cada um por sua vez.

Canção Popular

O PATO

Lá vai o Pato
Pata aqui, pata acolá
Lá vem o Pato
Para ver o que é que há

O Pato pateta
Pintou o caneco
Surrou as galinhas
Bateu no marreco
Pulou do poleiro
No pé do cavalo
levou um coice
Criou um galo
Comeu um pedaço
De jenipapo
Ficou engasgado
Com dor no papo
Quebrou a tigela
Tantas fez o moço
Que foi prà panela.

VINICIUS DE MORAIS

ONOMATOPEIA

Menino franzino,
quase pequenino,
pequenino, triste,
neste mundo só...

Menino, desiste
de que tenham dó!

Desiste, menino,
que o mundo é cretino...
Deixa o teu violino,
toca o sol-e-dó.

Cada teu suspiro
cai ao chão no pó...
Canta o tiro-liro
tiro-liro-ló.

Deixa o teu violino,
que não te é destino.
Desiste, menino,
de que tenham dó!

Menino franzino,
triste e pequenino,
pequenino, triste,
neste mundo só...

Menino desiste!
Toca o sol-e-dó.
Canta o tiro-liro, repi-
piro-piro,
canta o repi-
piro, tiro-liro-ló.

JOSÉ RÉGIO

O GALO E A PÉROLA

Um galo viu, perdida,
Uma pérola polida
Que abandonou aos pardais...
«Admiro – disse – o seu brilho,
Mas se fosse um grão de milho
Para mim valia mais!»

Também um pobre ignorante
Que herdara um livro importante
O foi vender ao livreiro,
dizendo com os seus botões:
«Mais me valem dez tostões
Que ao menos sempre é dinheiro!»

JOÃO DE DEUS

CINCO RÉIS DE GENTE

Vai sempre na frente
dos outros que vão
cedo para a escola;
corpinho delgado,
o olhar mariola,
- belos os cabelos,
quantos caracóis!
mas as mangas rotas
nos dois cotovelos
são de andar no chão
atrás dos novelos!
Nos olhos dois sóis
que alumiam tudo!
A mãe tecedeira,
perdeu o marido
mas vive encantada
para o seu miúdo.

ANTÓNIO BOTTO

À MORTE NINGUÉM ESCAPA

À morte ninguém escapa
nem o rei nem o papa,
mas escapo eu!
Compro uma janela
meto-me dentro dela,
tapo-me muito bem
e, então a morte passa e diz:
- truz, truz
Quem está aí?
- Aqui? Aqui não está ninguém
Adeus meus senhores
passem muito bem.

CANÇÃO POPULAR

OS TREZE ANOS (CANTILENA)

Já tenho treze anos,
que os fiz por Janeiro:
madrinha, casai-me
com Pedro Gaiteiro.

Já sou mulherzinha;
já trago sombreiro;
já bailo ao domingo,
com as mais no terreiro.

Já não sou Anita,
como era primeiro,
sou a senhora Ana,
que mora no outeiro.

Nos serões já canto,
nas feiras já feiro,
já não me dá beijos
qualquer passageiro.

Quando levo as patas,
e as deito ao ribeiro,
olho tudo à roda
de cima do outeiro;

E só se não vejo
ninguém pelo arneiro,
me banho com as patas
ao pé do salgueiro.

Miro-me nas águas,
rostinho trigueiro,
que mata de amores
a muito vaqueiro.

Miro-me, olhos pretos
e um riso fagueiro,
que diz a cantiga
que são cativoiro.

Em tudo, madrinha,
já por derradeiro,
me vejo mui outra
da que era primeiro.

O meu gibão largo
de arminho e cordeiro,
já o dei à neta
do Brás cabaneiro.

Dizendo-lhe: "Toma
gibão domingueiro,
de ilhoses de prata,
de arminho e cordeiro.

A mim já me aperta,
e a ti te é laceiro;
tu brincas com as outras
e eu danço em terreiro."

Já sou mulherzinha;
já trago sombreiro;
já tenho treze anos,
que os fiz por Janeiro.

Já não sou Anita,
sou a Ana do outeiro;
madrinha casai-me
com Pedro Gaiteiro.

Não quero o sargento,
que é muito guerreiro,
de barbas mui feras,
e olhar sobranceiro.

O mineiro é velho;
não quero o mineiro;
mais valem treze anos
que todo o dinheiro.

Tão-pouco me agrado
do pobre moleiro,
que vive na azenha
como um prisioneiro.

Marido pretendo
de humor galhofeiro,
que viva por festas,
que brilhe em terreiro;

Que em ele assomando
com o tamborileiro,
logo se alvoroce
o lugar inteiro;

Que todos acorram
por vê-lo primeiro,
e todas perguntem
se ainda é solteiro.

E eu sempre com ele,
romeira e romeiro,
vivendo de bodas,
bailando ao pandeiro.

Ai, vida de gostos!
ai, céu verdadeiro!
ai, páscoa florida,
que dura ano inteiro!

Da parte, madrinha,
de Deus vos requeiro:
casai-me hoje mesmo
com Pedro Gaitero.

ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

O SONO DO JOÃO

O João dorme... (Ó Maria,
diz àquela cotovia
que fale mais devagar:
não vá o João, acordar...)

Tem só um palmo de altura
e nem meio de largura:
para o amigo orangotango
o João seria... um morango!
Podia engoli-lo um leão
quando nasce! As pombas são
um pouquinho maiores...
Mas os astros são menores!

O João dorme... Que regalo!
Deixá-lo dormir, deixá-lo!
Calai-vos, águas do moinho!
Ó mar, fala mais baixinho...
E tu, mãe! e tu Maria!
Pede àquela cotovia
que fale mais devagar:
não vá o João, acordar...

.....
Depois, um dia virá
que (dormindo) passará
do berço, onde agora dorme,
para outro, grande, enorme:
e as pombas que eram maiores
que o João, ficarão menores!

Mas para isso, ó Maria!
Diz àquela cotovia
que fale mais devagar:
não vá o João, acordar...

ANTÓNIO NOBRE

HAVIA UM MENINO

Havia um menino
que tinha um chapéu
para pôr na cabeça
por causa do sol.

Em vez de um gatinho
tinha um caracol.
Tinha o caracol
dentro de um chapéu;
fazia-lhe cócegas
no alto da cabeça.

Por isso ele andava
depressa, depressa,
p´ra ver se chegava
a casa e tirava
o tal caracol
do chapéu, saindo
de lá e caindo
o tal caracol.

Mas era, afinal,
impossível tal,
nem fazia mal
nem vê-lo, nem tê-lo:
porque o caracol
era do cabelo

FERNANDO PESSOA

HINO DE AMOR

Andava um dia
Em pequenino
Nos arredores
De Nazaré,
Em companhia
De São José,
O bom Jesus,
O Deus Menino.

Eis senão quando
Vê num silvado
Andar piando
Arrepiado
E esvoaçando
Um rouxinol,
Que uma serpente
De olhar de luz
Resplandecente
Como a do Sol,
E penetrante
Como diamante,
Tinha atraído,
Tinha encantado.

Jesus, doído
Do desgraçado
Do passarinho,
Sai do caminho,
Corre apressado,
Quebra o encanto,
Foge a serpente,
E de repente

O pobrezinho,
Salvo e contente,
Rompe num canto
Tão requebrado,
Ou antes pranto
Tão soluçado,
Tão repassado
De gratidão,
De uma alegria,
Uma expansão,
Uma veemência,
Uma expressão,
Uma cadência,
Que comovia
O coração!

Jesus caminha
No seu passeio,
E a avezinha
Continuando
No seu gorjeio
Enquanto o via:
De vez em quando
Lá lhe passava
À dianteira,
E mal poisava,
Não afroixava
Nem repetia,
Que redobrava
De melodia!

Assim foi indo
E o foi seguindo.
De tal maneira,
Que noite e dia
Numa palmeira,
Que havia perto
Donde morava
Nosso Senhor
Em pequenino
(Era já certo),

Ela lá estava
A pobre ave
Cantando o hino
Terno e suave
Do seu amor
Ao Salvador!

JOÃO DE DEUS

ROMANCE DE D. JOÃO

Foi-se D. João,
foi à sua vida,
sem dificuldade
saltou pelo muro,
não voltou senão
quando ao outro dia
já fazia escuro.
Vinha enfarruscado,
partida a viola,
o boné ao lado,
rasgado o calção
e a camisola.
Fiz-lhe uma carícia,
não me respondeu,
foi-se encafuar
perto do borrarho
arrastando o pé.
Percebi então
que não vinha bem.

Que desgosto teve?
Com quem se bateu?
Disputas de gatos
em pleno Janeiro?
Ou foi antes cão
que o filou primeiro?
Nada perguntei
por delicadeza,
mas que fora coça,
da rija, da boa,
da que deixa mozza

para a vida toda,
isso bem se via.
Queria ajudá-lo,
não só por carinho:
custa tanto vê-lo
metido na fossa
da melancolia!

E para acabar
quase me atrevia
a pedir que guardem
muito bem guardado
tudo isto em segredo.
E muito obrigado.

EUGÉNIO DE ANDRADE

A MANHÃ DE S. JOÃO

Manhãzinha de S. João
Pela manhã de alvorada
Jesus Cristo se passeia
Ao redor da fonte clara.
Por sua boca dizia,
Por sua boca falava:
Esta água fica benta
E a fonte fica sagrada.
Ouviu a filha d'el-rei
D'altas torres donde estava.
Vestiu suas meias de seda,
Calçou sapatos de prata,
Pegou em cântaro d'ouro,
À fonte foi buscar água.
Lá no meio do caminho
Com a virgem se encontrava.
Atreveu-se e perguntou-lhe
Se havia de ser casada.
Casadinha haveis de ser,
Muito bem afortunada,
Três filhos haveis de ter
Todos de capa e espada.
Um será bispo em Roma,
E outro cardeal em Braga,
O mais novo deles todos,
Servo da Virgem sagrada.
Ditosa da donzelinha
Que à fonte foi buscar água!

ROMANCE POPULAR

EPIGRAMA

O poeta Brás Ferreira
Discute com o primo Bento
Se kágado tem o acento
Na segunda ou na primeira.

Grita-lhe a mulher, «Ó Brás,
Acaba com a discussão;
É bem fácil a questão:
O *assento* está sempre atrás.»

FERNANDO PESSOA

A SANT´ANA

Senhora Sant´Ana
Subiu ao monte;
Onde se sentou
Nasceu uma fonte.
Vieram os anjos
Beberam dela,
Que gua tão boa!
Que senhora tão bela!

POEMA POPULAR

A BORBOLETA

De manhã bem cedo
uma borboleta
saiu do casulo.
Era parda e preta.

Foi beber ao açude.
Viu-se dentro de água.
E se achou tão feia
que morreu de mágoa.

Ela não sabia
- boba! – que Deus deu
para cada bicho
a cor que escolheu.

Um anjo a levou,
Deus ralhou com ela,
mas deu roupa nova
azul e amarela.

ODYLO COSTA, FILHO

UMA CANÇÃO INÉDITA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

- «Por amor e caridade,
Fui dos brutinhos irmão,
De irmão dando-lhes o nome
E também o coração.

«Quantos ser´ s vivos viviam
Sob a clemência dos céus,
Jumentos, sapos e piolhos,
Eram todos irmãos meus!

«Quanto mais baixo era o bicho,
Mais alto era o meu amor:
Beijei um dia uma lesma
Como quem beija uma flor!

«Quanto mais baixo era o bicho
Mais me comprazia a vê-lo:
Se era negro, via-o d´ oiro,
Se era vil, achava-o belo!

«Grande amador de infelizes,
Por inspirações estranhas,
Muito mais lindas que as rolas
Achava eu as aranhas.

«E, confesso o meu pecado,
Via, com frieza acerba
O leão e a águia real,
Que são dados à soberba.

«Uma vez, vindo da esmola,

Com a alma em Jesus Cristo,
Vi uma coisa a meus pés
Como ´inda não tinha visto.

«Toda eriçada de espinhos
Essa coisa repelia
Pela sua fealdade...
Mas palpitava e sofria!

«Sofria... Bastava! Então
Curvei-me humilde; e ligeiro
Do chão ergui nestas mãos
Um pobre ouriço cacheiro.

«Agonizava o infeliz
Em tremuras dolorosas!
Beijei-o e picou-me, enchendo
a minha boca de rosas!

«Morreu o pobre em meus braços,
Triste, para mim sorrindo...
Nunca vi um ser tão feio,
Nunca tive irmão tão lindo!»

EUGÉNIO DE CASTRO

O INVERNO

Velho, velho, velho.
Chegou o Inverno.

Vem de sobretudo,
vem de cachecol,
o chão onde passa
parece um lençol.

Esqueceu as luvas
perto do fogão:
quando as procurou,
roubara-as um cão.

Com medo do frio,
encosta-se a nós:
dai-lhe café quente
senão perde a voz.

Velho, velho, velho.
Chegou o Inverno.

EUGÉNIO DE ANDRADE

GREVE NO CIRCO

Uma foca equilibrista
cansada de equilibrar
ficou desequilibrada
e confessou ao artista:
- amigo, estou esfomeada,
se me não dão de jantar
não equilíbrio mais nada!

SIDÓNIO MURALHA

CANTARES DOS BÚZIOS

Ai ondas do mar, ai ondas,
ó jardins das alvas flores,
sobre vós, ondas, ai ondas,
suspiram os meus amores.

No fundo dos búzios canta
o mar que chora a cantar
ó mar que choras cantando,
eu canto e estou a chorar!

Ai ondas do mar, ai ondas,
eu bem vos quero lembrar:
«a minha alma é só de Deus
e o meu corpo da água do mar!»

AFONSO LOPES VIEIRA

A RAPOSA E AS UVAS

Contam que certa raposa,
andando muito esfaimada,
viu roxos, maduros cachos
pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria;
mas, sem lhes poder chegar,
disse: «Estão verdes, não prestam,
só os cães os podem tragar».

Eis cai uma parra, quando
prosseguia o seu caminho;
e crendo que era algum bago
volta depressa o focinho.

BOCAGE

NA IDADE DOS PORQUÊS

Professor diz-me porquê?
Por que voa o papagaio
que solto no ar
que vejo voar
tão alto no vento
que o meu pensamento
não pode alcançar?

Professor diz-me porquê?
Por que roda o meu pião?
Ele não tem nenhuma roda
e roda gira rodopia
e cai morto no chão...

Tenho nove anos professor
e há tanto mistério à minha roda
que eu queria desvendar!
Por que é que o céu é azul?
Por que é que marulha o mar?
Porquê?
Tanto porquê que eu queria saber!
E tu que não me queres responder!

Tu falas falas professor
daquilo que te interessa
e que a mim não interessa.
Tu obrigas-me a ouvir
quando eu quero falar.
Obrigas-me a dizer
quando eu quero escutar.
Se eu vou a descobrir

fazes-me decorar.

É a luta professor
a luta em vez de amor.

Eu sou uma criança.
Tu és mais alto
mais forte
mais poderoso.
E a minha lança
quebra-se de encontro à tua muralha.

Mas
enquanto a tua voz zangada ralha
tu sabes professor
eu fecho-me por dentro
faço uma cara resignada
e finjo
finjo que não penso em nada.

Mas penso.
Penso em como era engraçada
aquela rã
que esta manhã ouvi coaxar.
Que graça que tinha
aquela andorinha
que ontem à tarde vi passar!...

E quando tu depois vens definir
o que são as conjunções
e preposições...
quando me fazes repetir
que os corações
têm duas aurículas e dois ventrículos
e tantas
tantas mais definições
o meu coração que não sei como é feito
o meu coração
nem quero saber
cresce
cresce dentro do peito

a querer saltar cá para fora
professor
a ver se tu assim compreenderias
e me farias
mais belos os dias.

ALICE GOMES

ACALANTO DE JOHN TALBOT

Dorme, meu filhinho,
Dorme sossegado.
Dorme, que a teu lado
Cantarei baixinho.
O dia não tarda...
Vai amanhecer:
Como é frio o ar!
O anjinho da guarda
Que o Senhor te deu,
Pode adormecer
Pode descansar,
Que te guardo eu.

MANUEL BANDEIRA

GATOS

Gatos dos quintais,
gatos dos portões,
gatos dos quartéis,
gatos das pensões.

Vêm da Índia, da Pérsia,
da Nínive, Alexandria.
Vêm do lado da noite,
do oiro e rosa do dia.

Gatos das duquesas,
gatos das meninas,
gatos das viúvas,
gatos das ruínas.

Gatos e gatos e gatos.
Arre, que já estamos fartos!

EUGÉNIO DE ANDRADE

GATO DA VELHA

Era um gato com tanta personalidade
com tal raça
tal centelha
que toda a gente dizia:
- Era uma vez um gato que tinha uma velha.

CARLOS PINHÃO

BALADA DA NEVE

Batem leve, levemente,
como quem chama por mim.
Será chuva? Será gente?
Gente não é, certamente
e a chuva não bate assim.

É talvez a ventania:
mas há pouco, há pouquinho,
nem uma agulha bulia
na quieta melancolia
dos pinheiros do caminho...

Quem bate, assim, levemente,
com tão estranha leveza,
que mal se ouve, mal se sente?
Não é chuva, nem é gente,
nem é vento com certeza.

Fui ver. A neve caía
do azul cinzento do céu,
branca e leve, branca e fria...
– Há quanto tempo a não via!
E que saudades, Deus meu!

Olho-a através da vidraça.
Pôs tudo da cor do linho.
Passa gente e, quando passa,
os passos imprime e traça
na brancura do caminho...

Fico olhando esses sinais
da pobre gente que avança,

e noto, por entre os mais,
os traços miniaturais
duns pezitos de criança...

E descalcinhos, doridos...
a neve deixa inda vê-los,
primeiro, bem definidos,
depois, em sulcos compridos,
porque não podia erguê-los!...

Que quem já é pecador
sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor,
porque lhes dais tanta dor?!...
Porque padecem assim?!...

E uma infinita tristeza,
uma funda turbação
entra em mim, fica em mim presa.
Cai neve na Natureza
– e cai no meu coração.

AUGUSTO GIL

O AVÔ E O NETO

Ao ver o neto a brincar,
Diz o avô, entristecido,
«Ah, quem me dera voltar
A estar assim entretido!

Quem me dera o tempo quando
Castelos assim fazia,
E que os deixava ficando
Às vezes p´ra o outro dia;

E toda a tristeza minha
Era, ao acordar p´ra vê-lo,
Ver que a criada já tinha
Arrumado o meu castelo.»

Mas o neto não o ouve
Porque está preocupado
Com um engano que houve
No portão para o soldado.

E, enquanto o avô cisma, e triste
Lembra a infância que lá vai,
Já mais uma casa existe
Ou mais um castelo cai;

E o neto, olhando afinal
E vendo o avô a chorar,
Diz, «Caiu, mas não faz mal:
Torna-se já a arranjar.»

FERNANDO PESSOA

AS FADAS

As fadas... eu creio nelas!
Umas são moças e belas,
Outras, velhas de pasmar...
Umas vivem nos rochedos,
Outras, pelos arvoredos,
Outras, à beira do mar...

Algumas em fonte fria
Escondem-se, enquanto é dia,
Saem só ao escurecer...
Outras, debaixo da terra,
Nas grutas verdes da serra,
É que se vão esconder...

O vestir... são tais riquezas,
Que rainhas nem princesas
Nenhuma assim se vestiu!
Porque as riquezas das fadas
São sabidas, celebradas
Por toda a gente que as viu...

Quando a noite é clara e amena
E a lua vai mais serena,
Qualquer as pode espreitar,
Fazendo roda, ocupadas
Em dobar suas meadas
De ouro e de prata, ao luar.

O luar é os seus amores!
Sentadinhas entre as flores,
Horas se ficam sem fim,
Cantando suas cantigas,
Fiando suas estrigas,
Em roca de oiro e marfim.

Eu sei os nomes de algumas.
Viviana ama as espumas
Das ondas nos areais,
Vive junto ao mar, sozinha,
Mas costuma ser madrinha
Nos baptizados reais.

Morgana é muito enganosa:
Às vezes, moça e formosa,
E outras, velha, a rir, a rir...
Ora festiva, ora grave,
E voa como uma ave,
Se a gente lhe quer bulir.

Que direi de Melusina?
De Titania, a pequenina,
Que dorme sobre um jasmim?
De cem outras, cuja glória
Enche as páginas da história
Dos reinos de el-rei Merlin?

Umhas têm mando nos ares;
Outras, na terra, nos mares;
E todas trazem na mão
Aquela vara famosa,
A vara maravilhosa,
A varinha do condão.

O que elas querem, num pronto
Fez-se ali! parece um conto...
Mesmo de fadas... eu sei!
São condões que dão à gente,
Ou dinheiro reluzente
Ou jóias, que nem um rei!

A mais pobre criancinha
Se quis ser sua madrinha,
Uma fada... ai, que feliz!
São palácios, num momento...
Beleza, que é um portento...

Riqueza, que nem se diz...

Ou então, prendas, talento,
Ciência, discernimento,
Graças, chiste, discrição...
Vê-se o pobre inocentinho
Feito um sábio, um adivinho,
Que aos mais sábios vai à mão!

Mas, com tudo isto, as fadas
São muito desconfiadas;
Quem as vê não há-de rir.
Querem elas que as respeitem
E não gostam que as espreitem,
Nem se lhes há-de mentir.

Quem as ofende... cautela!
A mais risonha, a mais bela,
Torna-se logo tão má,
Tão cruel, tão vingativa!
É inimiga agressiva,
É serpente que ali está!

E têm vinganças terríveis!
Semeiam coisas horríveis,
Que nascem logo no chão...
Línguas de fogo que estalam!
Sapos com asas, que falam!
Um anão preto! um dragão!

Ou deitam sortes na gente...
O nariz faz-se serpente,
A dar pulos, a crescer...
É-se morcego ou veado...
E anda-se assim encantado,
Enquanto a fada quiser!

Por isso, quem por estradas
For de noite e vir as fadas
Nos altos, mirando o céu,
Deve com jeito falar-lhes,

Ser muito cortês e tirar-lhes
Até ao chão o chapéu.

Porque a fortuna da gente
Está às vezes somente
Numa palavra que diz.
Por uma palavra, engraça
Uma fada com quem passa
E torna-o logo feliz.

Quantas vezes, já deitado,
Mas sem sono, ainda acordado,
Me ponho a considerar
Que condão eu pediria,
Se uma fada, um belo dia,
Me quisesse a mim fadar...

O que seria? um tesouro?
Um reino? um vestido de ouro?
Ou um leito de marfim?
Ou um palácio encantado,
Com seu lago prateado
E com pavões no jardim?

Ou podia, se eu quisesse,
Pedir também que me desse
Um condão, para falar
A língua dos passarinhos,
Que conversam nos seus ninhos...
Ou então, saber voar!

Oh, se esta noite, sonhando,
Alguma fada, engraçando
Comigo (podia ser!)
Me tocasse com a varinha,
E fosse minha madrinha,
Mesmo a dormir, sem a ver...

E que amanhã acordasse
E me achasse... eu sei? me achasse
Feito um príncipe, um emir!...

Até já, imaginando,
Se estão meus olhos fechando...
Deixa-me já já dormir!

ANTERO DE QUENTAL

RONDEL DO ALENTEJO

Em minarete
mate
bate
leve
verde neve
minuete de luar.

Meia-noite
de Segredo
no penedo
duma noite
de luar.

Olhos caros
de Morgada
enfeitada
com preparos
de luar.

Rompem fogo
pandeiretas
morenitas,
bailam tetas e bonitas,
bailam chitas
e jaquetas,
são as fitas
desafogo de luar.

Voa o xaile
andorinha
pelo baile,
e a vida
doentinha
e a ermida

ao luar.

Laçarote
escarlate
de cocote
alegria
de Maria
la-ri-rate
em folia
de luar.

Giram pés
giram passos
girassóis
e os bonés,
e os braços
destes dois
giram laços
ao luar.

O colete
desta virgem
endoidece
como o S
do foguete
em vertigem
de luar.

Em minarete
mate
bate
leve
verde neve
minuete
de luar.

ALMADA NEGREIROS

O ÍBIS

O íbis, ave do Egipto
Pousa sempre sobre um só pé
(O que é
Esquisito)
É uma ave sossegada
Porque assim não anda nada.

Uma cegonha parece
Porque é uma cegonha.
Sonha
E esquece –
Propriedade notável
De toda ave aviável.

Quando vejo esta Lisboa,
Digo sempre, Ah quem me dera
(E essa era
Boa)
Ser um íbis esquisito,
Ou pelo menos estar no Egipto.

FERNANDO PESSOA

CAVALEIRO DO CAVALO DE PAU

Vai a galope o cavaleiro e sem cessar
galopando no ar sem mudar de lugar.

E galopa e galopa e galopa, parado,
e galopa sem fim nas tábuas do sobrado.

Oh, que bravo corcel, que doidas galopadas,
- crinas de estopa ao vento e as narinas pintadas!

Em curvas pelo ar, em velozes carreiras,
o cavalo de pau é o terror das cadeiras!

E o cavaleiro nunca muda de lugar,
a galopar a galopar a galopar!...

AFONSO LOPES VIEIRA

NÃO QUERO, NÃO

Não quero, não quero não,
ser soldado nem capitão.

Quero um cavalo só meu,
seja baio ou alazão,
sentir o vento na cara,
sentir a rédea na mão.

Não quero, não quero, não,
ser soldado nem capitão.

Não quero muito do mundo:
quero saber-lhe a razão,
sentir-me dono de mim,
ao resto dizer que não.

Não quero, não quero, não,
ser soldado nem capitão.

EUGÉNIO DE ANDRADE

PONTO NEVRÁLGICO

Às cinco horas da tarde
sobe-se e desce-se o Chiado
bebe-se chá no Chiado
bebe-se o ar do Chiado
come-se nas montras do Chiado
conversa-se no Chiado
conversa-se do Chiado
literatura-se no Chiado
figura-se no Chiado
Chiada-se.

MENDES DE CARVALHO

BELA INFANTA

Estava a bela infanta
no seu jardim assentada,
com o pente de oiro fino
seus cabelos penteava.
Deitou os olhos ao mar
viu vir uma enorme armada;
capitão que nela vinha,
muito bem que a governava.

- Dize-me, ó capitão
dessa tua nobre armada;
Se encontraste meu marido
na terra que Deus pisava.

- Anda tanto cavaleiro
naquela terra sagrada...
Dize-me tu, ó senhora,
as senhas que ele levava.

- Levava cavalo branco,
selim de prata doirada;
na ponta da sua lança
a cruz de Cristo levava.

- Pelos sinais que me deste
lá o vi numa estacada
morrer morte de valente:
eu sua morte vingava.

- Ai triste de mim coitada!
De três filhinhas que tenho,
sem nenhuma ser casada!...

- Que darias tu, senhora,
a quem no trouxera aqui?

- Dera-lhe oiro e prata fina,
quanta riqueza há por aí.

- Não quero oiro nem prata,
não nos quero para mim:
Que darias mais, senhora,
a quem no trouxera aqui?

- De três moinhos que tenho,
todos três tos dera a ti;
um mói o cravo e a canela,
outro mói do gerzeli:
rica farinha que fazem!
Tomara-os el-rei pra si.

- Os teus moinhos não quero,
não nos quero para mim:
Que daria mais, senhora,
a quem to trouxera aqui?

- As telhas do meu telhado
que são de oiro e marfim.

- As telhas do teu telhado
não nas quero para mim:

.....
Dá-me outra coisa, senhora,
se queres que o traga aqui.

- Não tenho mais que te dar,
nem tu mais que me pedir.

.....
- Este anel de sete pedras
que eu contigo reparti...

Que é dela a outra metade?
Pois a minha, vê-la aí!

- Tantos anos que chorei,
tantos sustos que tremi!...
Deus te perdoe, marido,
que me ias matando aqui.

ALMEIDA GARRETT

MÃE NEGRA

A mãe negra embala o filho.

Canta a remota canção
Que seus avós já cantavam
Em noites sem madrugada.

Canta, canta para o céu
Tão estrelado e festivo.

É para o céu que ela canta,
Que o céu
Às vezes também é negro.

No céu
Tão estrelado e festivo
Não há branco, não há preto,
Não há vermelho e amarelo.
- Todos são anjos e santos
Guardados por mãos divinas.

A mãe negra não tem casa
Nem carinhos de ninguém...

A mãe negra é triste, triste,
E tem um filho nos braços...

Mas olha o céu estrelado
E de repente sorri.
Parece-lhe que cada estrela
É uma mão acenando
Com simpatia e saudade...

AGUINALDO FONSECA

FALLAR E ESCREVER

Ao Caturra Junior

Depois de trabalho vario
Ando triste como vê.
Não entendo o dictionario,
Não conheço o abecedario.
Caturra! O que fez voc^!

Fallar é com um só L
(Agora não foge a burra).
Ora é isto que m´impelle
A beber o amargo fel
Das tolices do Caturra.

Cedilha-se agora o C
Antes de i (!), e (!) (e mais nada).
Ando triste como Vê
Caturra! O que fez você!
Alma do diabo-damnada!

Tu mandas p´ra Grecia o K;
- Kágado – vamos a vêr,
- Cágado – escreve-se lá
Na officina de cá
Do Caturra – póde crêr!

O accento digo aqui
Miúdas sempre (como o vento)
A palavra acima alli
Está mesmo a calhar p´ra ti
“Se lhe mudas o accento!”

Escreve lá à tua moda,
Na minha eu hei de ficar;
Não m'importo com a roda
Quem está bem deixa-se estar!

FERNANDO PESSOA

BARTOLOMEU MARINHEIRO

Era uma vez
um capitão português
chamado Bartolomeu
que venceu
um gigante enorme e antigo.
Bartolomeu, em menino
pequenino,
ia para o pé do mar...

e ficava a olhar
o mar...
E Bartolomeu cismava...
Ó que lindo, ó que lindo,
o mar, e a sua voz profunda e bela!
Uma nuvem no céu, era uma caravela
que novos céus andava descobrindo...

Ó que lindo, os navios,
que vão suspensos entre a água e o céu,
com velas brancas e mastros esguios,
e com bandeiras de todas as cores!
Bartolomeu cismava
porque ouvia
tudo o que o mar contava
e lhe dizia.

AFONSO LOPES VIEIRA

AQUELA VELHA

Aquela velha coitada!
Se lhe soubessem a vida,
Não passaria na estrada
Assim desapercibida.

Vive só; mas vive agora,
Que num tempo já volvido,
Houve na casa em que mora
Filhos, netos e marido.

Morreu primeiro o marido
Duma morte desastrosa:
Com o coração partido
Rezou por ele, piedosa.

Morreram-lhe os filhos todos
No tempo da epidemia:
Ela com os mesmos modos
Rezou de noite e de dia.

Ficara só com três netos;
Morreram de tenra idade:
E ela, viúva de afectos,
venceu, rezando, a saudade.

E ainda vive! O que alenta
Aquela alma atribulada?
É a fé, que lhe alimenta
Uma crença inabalada.

Ai, quem me dera esse alento
Nestes combates da sorte!
Que paz para o pensamento!
Que paz na hora da morte!

JÚLIO DINIS

O ARQUIPÉLAGO DAS SEREIAS

Ó nau Catarineta,
em que andei no mar
por caminhos de ir,
nunca de voltar!

Veio a tempestade
perder-se do mundo,
fez-se o céu infundo,
fez-se o mar sem fundo!

Ai como era grande
o mundo e a vida
se a nau, tendo estrela,
vogava perdida!

E que lindas eram
lá em Portugal
aquelas meninas
no seu laranjal!

E o cavalo branco
também lá o via
que tão belo e alado
nenhum outro havia!

Mundo que não era,
terras nunca vistas!
tive eu de perder-me
pra que tu existas.

Ó nau Catarineta
perdida no mar,
não te percas ainda,
vem-me cá buscar!

BRANQUINHO DA FONSECA

OS COELHINHOS

Iam dois coelhinhos
andando apressados
para o céu – com medo
de serem caçados.

E também com medo
de passarem fome.
Pois – quando não dorme –
o coelhinho come.

E ainda tinha os filhos
que a coelha esperava...
O Céu era longe
e a fome era brava.

Jesus riu, com pena:
fez brotar da Lua
- para eles – florestas
de cenoura crua.

ODYLO COSTA, FILHO

O MEDO DAS SOMBRAS

Rondam sombras pelas telhas:
não é vento, são andanças
de bruxas! As bruxas velhas
chupam o sangue às crianças.

A mãe dorme, a filha ao pé,
em casa de telha vã
onde nem há chaminé;

e de interiores deserta
é toda uma casa aberta
à chuva e sol da manhã.

E a filha diz para a mãe,
como a mãe responde à filha,
porque este drama não tem
a mais do que mãe e filha:

- Mãezinha, que é, que é?

- Não luz vidro no soalho,
nem há luz de tição;
está a gatinha ao borralho.

Oh! dorme, meu coração,
susto, filha, não te dê:
a água do bebedouro
espelha luz que se vê.

Longe vá o mau agouro,
benza-me a luz que nos olha:
quem não existe não é.

O pucarinho de folha

lá está no mesmo pé.

- Pela telha destelhada,
minha mãe, minha mãezinha,
voar negro de andorinha
com risos de gargalhada!

- Água de bica, lá fora,
corre, corre, que se chora:
filha minha, não tens sede?

- Como peixinhos na rede,
sombras, ó mãe, na parede!

- Não é nada, não é nada:
buraco da fechadura,
em rosa de luz coada
será a luz da madrugada
que vem em nossa procura.

AFONSO DUARTE

CHEGOU O OUTONO

Chega o outono!
As andorinhas
despedem-se das outras avesinhas
e vão pelos ares fora
vão-se embora
embora?
Não!
Que voltam, voltarão...
Quando a bela estação
da Primavera
que antecede ao Verão
oferecer melhor vida.
Não têm agasalhos nem comida,
vão para terras quentes
à procura do sol que as consola
Mas nós, crianças,
nós,
todos contentes
partimos para a escola.

ALICE GOMES

OS REIS MAGOS

Nas torres, olhando os astros,
que viajam pelos céus,
Os Reis Magos viram rastros
do avatar de um grande Deus.

Leram em livros profundos,
que a Caldeia e Assíria têm,
que estava a descer dos mundos
um Deus a Jerusalém.

Cheios de assombro à janela,
mudos ficam os seus lábios!
De pé olhando uma estrela,
velam noites os reis sábios.

Não querem mais alimento,
nem com rainhas dormir.
Não tomam ao trono assento!
Não mais volvem a sorrir!

Somente olham, sem cessar,
a branca estrela brilhante
como o ceptro dominante
do rei que vai a reinar.

Abraçam a esposa amada.
Dão as chaves aos herdeiros.
Mandam vir seus escudeiros,
Os seus bordões de jornada.

Despejam os seus erários,
cheios de alvoroço imenso.
Carregam seus dromedários,
d'ouro, de mirra, de incenso.

Passam rios e cidades
cheias de estátuas guerreiras,
palácios, campos, herdades,
cisternas sob as palmeiras.

Seguem a luz do astro belo,
que as estradas lhes clareia,
até chegar ao castelo,
do rei que reina em Judeia.

Chegados ao rei cruel,
que de Herodes nome tem,
bradam: «O Rei de Israel
nasceu em Jerusalém?...»

Fica assombrado o Tetrarca,
Diz-lhes tal nova ignorar.
- «Mas, em nome da Santa Arca,
voltai, reis, ao meu solar!»

Seus olhos ficam sombrios:
vê perdido o seu tesouro,
soldados, terras, navios,
da Judeia o ceptro de ouro!

Tomam os reis seus bordões
Levantam as suas tendas.
Carregam as suas oferendas.
Demandam novas regiões.

Passam rios e cidades
cheias de estátuas guerreiras,
palácios, campos, herdades,
cisternas sob palmeiras.

Passam colinas, rebanhos,
campos de louras searas,
quando a lua faz desenhos
no chão das estradas claras.

Passam o quente areal
que a palmeira não conforta.
Eis que a estrela pára à porta
de um decrépito curral.

Descem dos seus dromedários,
cheios de pó os reis sábios.
Descarregam seus erários.
- Mas estão mudos seus lábios.

Rojam as barbas nevadas
Sobre o Deus que adormecera.
Com as mãozinhas rosadas
Da Mãe nos seios de cera.

Seus olhos sentem assombros
e nadam cheios de choro.
- Rasgam seus mantos de ombros.
- Dão-lhe mirra, incenso e ouro.

Esquecem sua nação
mais seus carros de batalha.
- Seus ceptros rolam na palha!
- Seus diademas no chão!

E erguendo seus olhos graves,
perguntam então – olhando
as pombas voando, em bando,
os aldeões, mais as aves:

«É este o rei dos senhores?
Tábua da Lei das rainhas?
Por archeiros – tem pastores.
Por pagens – as andorinhas.»

GOMES LEAL

INVOCAÇÃO A DEUS
ANTES DE COMEÇAR O ESTUDO

Tu, cujo amor em cânticos
Celebram sem cessar
O mundo dos espíritos,
O céu, a terra, o mar!

Senhor, acolhe as súplicas
De pobres filhos teus!
Melhora-nos! ilustra-nos!
Ampara-nos, oh Deus!

À luz disseste. Faça-se!
E a noite em luz se fez:
Dissipe igual prodígio
A sombra em que nos vês!

Nas trevas da ignorância
Não medra o santo amor.
Ilustra-nos! melhora-nos!
Senhor! Senhor! Senhor!

ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

CANÇÃO DE LEONORETA

Borboleta, borboleta,
flor do ar,
onde vais, que me não levas?
Onde vais tu, Leonoreta?

Vou ao rio, e tenho pressa,
não te ponhas no caminho.
Vou ver o jacarandá,
que já deve estar florido.

Leonoreta, Leonoreta,
que me não levas contigo.

EUGÉNIO DE ANDRADE

BALADA DAS VINTE MENINAS FRIARENTAS

Vinte meninas, não mais,
eu via ali no beiral:
tinham cabecinha preta
e branquinho o avental.

Vinte meninas, não mais,
eu via naquele muro:
tinham cabecinha preta,
vestidinho azul-escuro.

.....

As minhas vinte meninas,
capinhas dizendo adeus,
chegaram na Primavera
e acenaram lá dos céus.

As minhas vinte meninas,
dormiam quentes num ninho
feito de amor e de terra,
feito de lama e carinho.

As minhas vinte meninas
para o almoço e o jantar
tinham coisas pequeninas,
que apanhavam pelo ar.

.....

Já passou a Primavera
suas horas pequeninas:
e houve um milagre nos ninhos.
Pois foram mães, as meninas!

Eram ovos redondinhos
que apetecia beijar:
ovos que continham vidas
e asinhas para voar.

Já não são vinte meninas
que a luz do Sol acalenta.
São muitas mais! muitas mais!
Não são vinte, são oitenta!

Depois oitenta meninas
eu via ali no beiral:
tinham cabecinha preta
e branquinho o avental.

.....

Mas as oitenta meninas,
capinhas dizendo adeus,
em certo dia de Outono
perderam-se pelos céus.

MATILDE ROSA ARAÚJO

BENÇÃOS

Bem hajas, oh luz do sol,
Dos órfãos agasalho e manto,
Imenso, eterno farol
Deste mar largo de pranto!

Bem hajas, água da fonte,
Que não desprezas ninguém!
bem haja a urze do monte,
Que é lenha de quem não tem!

Bem hajam rios e relvas,
Paraíso dos pastores!
Bem hajam aves das selvas,
Música dos lavradores!

Bem haja o reino dos céus,
Que aos pobres dá graça e luz!
Bem haja o templo de Deus,
Que tem sacramento e cruz!

Bem haja o cheiro da flor,
Que alegra o lidar campestre;
E o regalo do pastor,
A negra amora silvestre!

Bem haja o repouso à sesta
Do lavrador e da enada;
E a madressilva modesta,
Que espreita à beira da estrada!

Triste de quem der um ai
Sem achar eco em ninguém!
Felizes os que têm pai,
Mimosos os que têm mãe!

TOMÁS RIBEIRO

A CIGARRA E A FORMIGA

Tendo a cigarra em cantigas
folgado todo o Verão,
achou-se em penúria extrema
na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha,
que trincasse, a tagarela
foi valer-se da formiga,
que morava perto dela.

Rogou-lhe, que lhe emprestasse,
pois tinha riqueza, e brio,
algum grão, com que manter-se
té voltar o aceso Estio.

«Amiga (diz a cigarra)
prometo à fé de animal
pagar-vos antes de Agosto
Os juros, e o principal.»

A formiga nunca empresta,
nunca dá, por isso ajunta:
«No Verão em que lidavas?»
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: «Eu cantava
noite e dia, a toda a hora».
«Oh, bravo! (torna a formiga)
cantavas? Pois dança agora».

BOCAGE (Traduzido de La Fontaine)

MADRIGAL A UMA ESTRELA

De histórias de estrelas
ninguém quer saber.
Não conto, não conto...
Quem é que te quer,

história da estrela
que fica por cima
da minha janela?
Tão bela! Tão bela!

Comigo te guardo
na vida e na morte.
Serás um segredo...
Será uma estrela

que eu leve a meu lado
na vida que leve...
Escura que seja
- que vida tão clara!

Que noite tão branca
a noite que eu durma
(debaixo da terra)
debaixo da estrela!

Não conto. Não digo.
Comigo te guardo.
Assim tu, ó estrela,
me guardes contigo...

SEBASTIÃO DA GAMA

AS PEDRAS

As pedras falam? pois falam
mas não à nossa maneira,
que todas as coisas sabem
uma história que não calam.

Debaixo dos nossos pés
ou dentro da nossa mão
o que pensarão de nós?
O que de nós pensarão?

As pedras cantam nos lagos
choram no meio da rua
tremem de frio e de medo
quando a noite é fria e escura.

Riem nos muros ao sol,
no fundo do mar se esquecem.
Umam partem como as aves
e nem mais tarde regressam.

Brilham quando a chuva cai.
Vestem-se de musgo verde
em casa velha ou em fonte
que saiba matar a sede.

Foi de duas pedras duras
que a faísca rebentou:
uma germinou em flor
e a outra nos céus voou.

As pedras falam? pois falam.
Só as entende quem quer,
que todas as coisas têm
uma coisa para dizer.

MARIA ALBERTA MENÉRES

VIAJAR! PERDER PAÍSES!

Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E da ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.

«A melhor maneira de viajar é sentir/ Sentir tudo de todas
as maneiras»

FERNANDO PESSOA

INSTANTE

A cena é muda e breve:
Num lameiro,
Um cordeiro
A pastar ao de leve.

Embevecida,
A mãe ovelha deixa de remoer
E a vida
Pára também, a ver.

MIGUEL TORGA

LENDA DE SANTA IRIA

Estando eu a coser na minha almofada,
Com agulha de ouro e dedal de prata,
Veio cavaleiro pedindo pousada;
Se lha meu pai dera, estava bem dada,
Deu-lhe minha mãe, que muito me custava;
Fui fazer a cama no meio da sala.

Era meia-noite, a casa roubada,
Dos três que nós éramos, só a mim levava.
Eram sete léguas, nem fala me dava,
Lá para as oito é que me perguntava:
- Lá na tua terra como te chamavam?
«Lá na minha terra eu era morgada,
Cá nestas montanhas serei desgraçada.»
- Por essas palavras serás degolada,
Ao pé dum penedo serás enterrada,
Coberta de rama, bem enramalhada.

No fim de sete anos por ali passava,
E a todos que via lhe perguntava:
- Dizei-me pastores que guardais o gado,
Que ermida é aquela que além branquejava.

- É de Santa Iria bem-aventurada,
Que ao pé dum penedo morreu degolada.
- Oh minha Santa Iria, meu amor primeiro,
Perdoa-me a morte, serei teu romeiro!
«Não te perdoo, ladrão carniceiro,
Que me degolaste que nem um carneiro;
Veste-te de azul, que é cor do céu,
Se ele te perdoar, perdoar-te quero.»

ROMANCE POPULAR

IRENE NO CÉU

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:

- Licença, meu branco!

E São Pedro Bonacheirão:

- Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

MANUEL BANDEIRA

AS ALDEIAS

Eu gosto das aldeias sossegadas,
com seu aspecto calmo e pastoril,
erguidas nas colinas azuladas...
mais frescas que as manhãs finas de Abril.

Pelas tardes das eiras – como eu gosto
Sentir a sua vida activa e sã!
Vê-las na luz dolente do sol posto,
e nas suaves tintas da manhã!...

As crianças do campo, ao amoroso
calor do dia, folgam seminuas,
e exala-se um sabor misterioso
de agreste solidão das suas ruas.

Alegram as paisagens as crianças,
mais cheias de murmúrios do que um ninho,
e elevam-nos às coisas simples, mansas,
ao fundo, as brancas velas dum moinho.

Pelas noites de Estio, ouvem-se os ralos
zunirem suas notas sibilantes...
e mistura-se o uivar dos cães distantes
com o canto metálico dos galos.

GOMES LEAL

VINDE, Ó POBRES

Vinde os possuidores da pobreza
Os que não têm nome no século.
Vinde os homens da contemplação.
Vinde os que têm a língua mudada.
Vinde os forasteiros e vagabundos.
Vinde os homens descalços e os que têm
Os olhos cheios de espantos.
Jesus Cristo – Rei dos Reis
Os vossos pés quer lavar,
O filho do marceneiro
Não vos pode abandonar.

JORGE DE LIMA

O BAILADOR DE FANDANGO

Sua canção fora a Gota,
Sua dança fora o Vira.
Chamavam-lhe "o fandangueiro".
Mas seu nome verdadeiro
Quando bailava, bailava,
Não era nome de cravo,
Nem era nome de rosa.
- Era o de flor, misteriosa,
Que se esfolhava, esfolhava...
E havia um cristal na vista
E havia um cristal no ar
Quando aquele fandanguista
Se demorava a bailar!
E havia um cristal no vento
E havia um cristal no mar.
E havia no pensamento
Uma flor por esfolhar...
Fandangueiro! Fandangueiro?...
(nem sei que nome lhe dar...)
Tinham seus braços erguidos
Nem sei que ignotos sentidos
- leitões de Asa pelo ar...
Quando bailava, bailava,
Não era folha de cravo
Nem era folha de rosa.
Era uma flor, misteriosa,
Que se esfolhava, esfolhava...

Domingos Enes Pereira
Do lugar de Montedor...
(O bailador do Fandango
Era aquele bailador!)
Vinham moças da Areosa

Para com ele bailar...
E vinham moças de Afife
Para com ele bailar.
Então as sombras dos corpos,
Como chamas traiçoeiras,
Entrelaçavam-se e a dança
Cobria o chão de fogueiras...

E as sombras formavam sebe...
O movimento as florira...
O sonho, a noite, o desejo...
Ai! belezas de mentira!
E as sombras entrelaçavam-se...
Os corpos, ninguém sabia
Se eram corpos, se eram sombras,
Se era o amor que se escondia...

PEDRO HOMEM DE MELLO

O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar
na noite de breu ergueu-se a voar;
à roda da nau voou três vezes
voou três vezes a chiar,
e disse: «Quem é que ousou entrar
nas minhas cavernas que não desvendo,
meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo:
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
três vezes rodou imundo e grosso,
«Quem vem poder o que só eu posso,
que moro onde nunca ninguém me visse
e escorro os medos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse:
«El-Rei D. João Segundo!»

Três vezes do leme as mãos ergueu,
três vezes ao leme as reprendeu,
e disse no fim de tremer três vezes:
«Aqui ao leme sou mais do que eu:
sou um povo que quer o mar que é teu;
e mais que o mostrengo, que me a alma teme
e roda nas trevas do fim do mundo,
manda a vontade, que me ata ao leme,
de El-Rei D. João Segundo!»

FERNANDO PESSOA

SANTOS

Nasci junto do porto, ouvindo o barulho dos embarques.
Os pesados carretões de café
Sacudiam as ruas, faziam trepidar o meu berço.

Cresci junto do porto, vendo a azáfama dos embarques.
O apito triste dos cargueiros que partiam
Deixava longas ressonâncias na minha rua.

Brinquei de pegador entre os vagões das docas.
Os grãos de café, perdidos no lajedo,
Eram pedrinhas que eu atirava noutros meninos.

As grades de ferro dos armazéns, fechados à noite,
Faziam sonhar (tantas mercadorias!)
E me ensinavam a poesia do comércio.

Sou bem teu filho, ó cidade marítima,
Tenho no sangue o instinto da partida,
O amor dos estrangeiros e das nações.

Ah, não me esqueças nunca, ó cidade marítima,
Que eu te trago comigo, por todos os climas
E o cheiro do café me dá tua presença.

RIBEIRO COUTO

VARINA

Ó varina, passa,
Passa tu primeiro!
Que és a flor da raça,
A mais séria graça
Do país inteiro.

O teu vulto seja
Sonora fanfarra,
Zimbório de igreja;
Que logo te veja
Quem entra na barra.

Lisboa, esquecida
Que é porto-de-mar,
Sente a sua vida
Reconstituída
Pelo teu andar.

Dá-lhe a tua graça
Clássica e sadia.
Ó varina, passa!
Na noite da raça
Teu pregão faz dia!

Vê que toda a gente
Ao ver-te, sorri.
Não sabe o que sente
Mas fica contente
De olhar para ti.

E sobre o que pensa
Quem te vê passar,
Eterna, suspensa,
Acena a imensa

Presença do mar.

CARLOS QUEIROZ

SERENATA DA RAINHA DE KACHMIR

O vestido de noivado
da rainha de Kachmir
era a diamantes bordado,
como luar num terrado!...
Parecia o Céu estrelado,
ou a visão de um faquir,
o vestido de noivado
da rainha de Kachmir.

Se é a Via Láctea, em suma,
não há olhar que destrince!...
Nenhuma vista, nenhuma
jurar se é neve ou pluma,
se é leite, ou astro, ou espuma,
nem o próprio olhar do Lince...
Se é a Via láctea, em suma,
não há olhar que destrince!

Levava, nas mãos patricias,
leque de rendas e sândalo...
Oh! que mãozinhas... delícias
para amimar com blandícias,
para beijar com carícias,
que adorariam um vândalo...
Levava, nas mãos patricias,
leque de rendas e sândalo.

Cor de lua, os sapatinhos
eram mais subtis que o leque!...
Seu manto, púrpura e arminhos,
não rojava nos caminhos,
pois sua cauda, aos saltinhos,
levava-a um núbio moleque.
Cor da lua, os sapatinhos

eram mais subtis que o leque!

Eis que, no meio da boda,
entrou um moço estrangeiro...
Calou-se a alegria doida
da grande assembleia, em roda!
E a brilhante sala toda
fitou o jovem romeiro.
Eis que, no meio da boda,
entrou um moço estrangeiro...

Pegou no copo, com graça,
e brindou, em língua estranha...
E a rainha, a vista baça,
como a um punhal que a trespassa,
encheu de prantos a taça
e o seu lenço de Bretanha...
Chorou baixo, ao ouvir, com graça,
esse brinde, em língua estranha!

Encheu de pranto o vestido,
encheu de pranto os anéis...
E, sem soltar um gemido,
chorou, num pranto sumido,
o seu passado perdido,
os seus amores tão fiéis!...
Encheu de pranto o vestido,
encheu de pranto os anéis...

Quem era o moço viajante
que fez turbar a rainha?...
Era o seu primeiro amante,
tão leal e tão constante,
que, do seu reino distante,
brindar ao passado vinha...
Tal era o moço viajante,
que fez turbar a rainha.

Saudades de amor quebrado
fazem lágrimas cair!
Por um brinde ao amor passado,

ficou de pranto alagado
o vestido de noivado
da rainha de Kachmir.
Saudades de amor quebrado
fazem lágrimas cair!...

GOMES LEAL

AMIGO

Mal nos conhecemos
inaugurámos a palavra «amigo».

«Amigo» é um sorriso
de boca em boca,
um olhar bem limpo,
uma casa, mesmo modesta, que se oferece,
Um coração pronto a pulsar
na nossa mão!

.....

«Amigo» é o contrário de inimigo!

Amigo é o erro corrigido,
não o erro perseguido, explorado,
É a verdade partilhada, praticada.

«Amigo» é a solidão derrotada!

«Amigo» é uma grande tarefa,
um trabalho sem fim,
um espaço útil, um tempo fértil,
«amigo» vai ser, é já uma grande festa!

ALEXANDRE O´NEILL

PALAVRAS DUM AVESTRUZ TODO GRIS

Arrancam-me as penas
e eu sofro sem dizer nada:

- Sou ave
bem educada.

E, se quisesse,
podia
morder-lhes as mãos morenas,
a esses
que sem piedade
me roubam estas penas que me cobrem;
e, no entanto,
sem o mais breve gemido,
o meu corpo
vai ficando...
Desguarnecido...

E elas,
aquelas
que se enfeitam, doidamente,
com estas penas formosas
- que são minhas!
passam por mim, desdenhosas
em gargalhadas mesquinhas.

Sim; eu sofro sem dizer nada:

- Sou ave
bem educada.

ANTÓNIO BOTTO

ROSA E LÍRIO

A rosa
é formosa:
bem sei.
Porque lhe chamam – flor
d´amor,
não sei.

A flor,
bem de amor
é o lírio;
tem mel no aroma – dor
na cor
o lírio.

Se o cheiro
é fagueiro
na rosa,
se é de beleza – mor
primor
a rosa.

No lírio
o martírio
que é meu
pintado vejo: - cor
e ardor
é o meu.

A rosa
é formosa,
bem sei...
E será de outros flor
d´amor...
não sei...

ALMEIDA GARRETT

LUSITÂNIA NO BAIRRO LATINO

Georges! anda ver meu país de marinheiros,
O meu país das naus, de esquadras e de frotas!

Oh as lanchas dos poveiros
A saírem a barra, entre ondas e gaivotas!
Que estranho é!
Fincam o remo na água, até que o remo torça,
À espera da maré,
Que não tarda hi, avista-se lá fora!
E quando a onda vem, fincando-a com toda a força,
Clamam todos à uma: «Agôra! agôra! agôra!»
E a pouco e pouco, as lanchas vão saindo
(Às vezes, sabe Deus, para não mais entrar...)

Que vista admirável! Que lindo! Que lindo!
Içam a vela, quando já têm mar:
Dá-lhes o vento, e todas, à porfia,
Lá vão soberbas, sob um céu sem manchas,
Rosário de velas, que o vento desfia,
A rezar, a rezar, a *Ladainha das Lanchas*:

Snra. Nagonia!

Olha, acolá!
Que linda vai com seu erro de ortografia...
Quem me dera ir lá!

Senhora da Guarda!

(Ao leme vai o Mestre Zé da Leonor)
Parece uma gaivota: aponta-lhe a espingarda
Ó caçador!

Senhora d'ajuda!

Ora pro nobis!
Caluda!
Sêmos probes!
S.hr dos ramos!
Istrella do mar!
Cá bamos!

Parecem Nossa Senhora a andar.

Snra. da Luz!

Parece o farol...

Maim de Jesus!

É tal qual ela, se lhe dá o Sol!

S.hr dos Passos!
Sinhora da Ora!

Águias a voar, pelo mar dentro dos espaços
Parecem ermidas caiadas por fora...

S.hr dos Navegantes!
Senhor de Matosinhos!

Os mestres ainda são os mesmos d'antes:
Lá vai o Bernardo da Silva do Mar,
A mail-os quatro filhinhos,
Vascos da gama, que andam a ensaiar...

Senhora dos Aflitos!
Mártir São Sebastião!
Ouvi os nossos gritos!
Deus nos leve pela mão!
Bamos em paz!

Ó lanchas, Deus vos leve pela mão!
Ide em paz!

Ainda lá vejo o Zé da Clara, os Remelgados,

O Jeques, o Pardal, na *Nam te perdes*,
E das vagas, aos ritmos cadenciados,
As lanchas vão traçando, à flor das águas verdes
«As armas e os barões assinalados...»

Lá sai a derradeira!
Ainda agarra as que vão na dianteira...
Como ela corre! com que força o Vento a impele:

Bamos com Deus!

Lanchas, ide com Deus! ide e voltai com ele
Por esse mar de Cristo...

Adeus! adeus! adeus!

ANTÓNIO NOBRE

TRANSFIGURAÇÃO

Sozinha e ao desamparo ela vivia
Nesse pobre casebre abandonado;
Não conhecera pai nem mãe, doía
Fitar aquele rosto macerado.

Nenhum rapaz esbelto a convidava
Para os descantes da festiva aldeia;
E consigo a mesquinha suspirava:
«Doce Jesus! Porque nasci tão feia?»

Quando a lua no céu azul surgia,
De alvor banhando a múrmura devesa,
No postigo do albergue a sós gemia,
Triste mulher sem viço e sem beleza.

Chamou-a Deus enfim: quando passava
O singelo caixão na triste aldeia,
Melancólico o povo murmurava:
«Vai tão bonita, olhai! E era tão feia!...»

GONÇALVES CRESPO

UM POEMA DE NATAL

Natal... Na província neva.
Nos lares aconchegados,
Um sentimento conserva
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,
Como a família é verdade!
Meu pensamento é profundo,
Estou só e sonho saudade.

E como é branca de graça
A paisagem que não sei,
Vista de trás da vidraça
Do lar que nunca terei!

FERNANDO PESSOA

O PASSARINHO PRESO

Na gaiola empoleirado,
um mimoso passarinho
trinava brandos queixumes
com saudades do seu ninho.

«Nasci para ser escravo
(carpia o cantor plumoso),
não há ninguém neste mundo,
que seja tão desditoso.

Que é do tempo, que eu passava,
ora descantando amores,
ora brincando nos ares,
ora pousando entre flores?

Mal haja a minha imprudência,
mal haja o visco traidor;
um raio, um raio te abraze,
fraudulento caçador!

Em que pequei? Porventura
fiz-te à seara algum mal?
Encetei, mordi teus frutos,
como o daninho pardal?

.....

Ah! Se a vossa liberdade
zelosamente guardais,
como sois usurpadores
da liberdade dos mais?

.....

Mas ah triste! Ah malfadado!
Para que me queixo em vão?
Que espero, se contra a força
de nada serve a razão?

Aqui parou de cansado
o volátil carpidor;
eis que vê chegar da caça
o seu bárbaro senhor.

Trazia encostado ao ombro
o arcabuz fatal, e horrendo,
e alguns pássaros no cinto,
uns mortos, outros morrendo.

.....

O preso vendo a tragédia,
coitadinho, estremeceu,
e de susto, e de piedade
quase os sentidos perdeu.

Mas apenas do soçobro
repentino a si tornou,
cos olhos nos seus finados
estas palavras soltou:

«Entendi que dos viventes
eu era o mais infeliz:
que outros têm pior destino
aquele exemplo me diz.

Da minha sorte j' agora
queixas não torno a fazer:
antes gaiola que um tiro,
antes penar que morrer».

BOCAGE

AQUELA NUVEM

Aquela nuvem
parece um cavalo...

Ah! se eu pudesse montá-lo!

Aquela?
Mas já não é um cavalo,
é uma barca à vela.

Não faz mal.
Queria embarcar nela.

Aquela?
Mas já não é um navio,
é uma torre amarela
a vogar no frio
onde encerraram uma donzela.

Não faz mal.
Quero ter asas
para espreitar da janela.

Vá, lancem-me no mar
donde voam as nuvens
para ir numa delas
tomar mil formas
com sabor a sal
- labirinto de sombras e de cisnes
no céu de água-sol-vento-luz concreto e irreal.

JOSÉ GOMES FERREIRA

SAUDADES

Leva este ramo, Pepita,
de saudades portuguesas;
é flor nossa, e tão bonita
não na há noutras devesas.

Seu perfume não seduz,
não tem variado matiz,
vive à sombra, foge à luz,
as glórias d' amor não diz;

mas na modesta beleza
de sua melancolia
é tão suave a tristeza,
inspira tal simpatia!...

E tem um dote esta flor
que de outra igual se não diz:
não perde viço ou frescor
quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce
com tudo o que as outras mata;
até às vezes mais cresce
na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão
que te não devo esconder:
plantada no coração,
toda outra flor faz morrer.

E, se o quebra e despedaça
com as raízes mofinas,
mais ela tem brilho e graça,
é como a flor das ruínas.

Não, Pepita, não ta dou...
Fiz mal em dar-te essa flor,
que eu sei o que me custou
tratá-la com tanto amor.

ALMEIDA GARRETT

SÚPLICA

Jesus! Se o mundo se agita,
Dai-me descanso, Jesus!
Faz-me grama parasita
Encostada ao pé da cruz.

Faz-me insecto da ramada
Que ninguém vê na amplidão:
Quero, à sombra do meu nada,
Perder-me na solidão.

Faz-me fonte na serra
Que ninguém bebe nem vê:
Tira-me os mimos da terra,
Mas dá-me as crenças e a fé!

Que eu sinta sempre o teu nome
Misturar-se aos prantos meus;
E morra embora de fome,
Mas bendizendo-te, oh Deus!

TOMÁS RIBEIRO

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

FERNANDO PESSOA

URGENTEMENTE

É urgente o amor.
É urgente um barco no mar.

É urgente destruir certas palavras,
ódio, solidão, crueldade,
alguns lamentos,
muitas espadas.

É urgente inventar alegria,
multiplicar os beijos, as searas,
é urgente descobrir rosas e rios
e manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros e a luz
impura, até doer.
É urgente o amor, é urgente
permanecer.

EUGÉNIO DE ANDRADE

AMOR FILIAL

Rompeu a aurora esplêndida:
Soltam as avezinhas
A voz, em doces cânticos,
E as tímidas florinhas
Quão vivo aroma têm!
Em tudo, oh Deus, adoro-te;
Mas onde mais te vejo
É quando, em meigos júbilos
De santo amor, eu beijo
Meu pai e minha mãe!

BULHÃO PATO

A FONTE

Era uma vez um fraguedo
No meio da solidão:
Deserto de maldição
Que vê-lo fazia medo!

Nem ave, nem arvoredos,
Nem canto de viração!
Passou Jesus, disse então:
«Porque és tão triste, rochedo?»

«Porque não tenho uma fonte
Que dê luz ao bravo monte
E chame a gente, em sorriso.»

«És bom. Descansa: hás-de tê-la...»
Nasce a água em ar de estrela:
Fez-se a Terra um Paraíso!

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

DESCALÇA VAI PARA A FONTE

*Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
vai fermosa e não segura.*

Leva na cabeça o pote,
o testo nas mãos de prata,
cinta de fina escarlata,
sainho de chamalote;
traz a vasquinha de cote,
mais branca que a neve pura;
vai fermosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,
cabelos de ouro o trançado,
fita de cor de encarnado,
tão linda que o mundo espanta;
chove nela graça tanta
que dá graça à fermosura;
vai fermosa e não segura.

LUÍS DE CAMÕES

CANTIGA PARTINDO-SE

Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.
Partem tão tristes os tristes,
tão fora d'esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

JOÃO ROIZ DE CASTELO-BRANCO

IMPRESSÃO DIGITAL

Os meus olhos são uns olhos.
E é com esses olhos uns
que eu vejo no mundo escolhos
onde outros, com outros olhos,
não vêem escolhos nenhuns.

Quem diz escolhos diz flores.
De tudo o mesmo se diz.
Onde uns vêem luto e dores
uns outros descobrem cores
do mais formoso matiz.

Nas ruas ou nas estradas
onde passa tanta gente,
uns vêem pedras pisadas,
mas outros, gnomos e fadas
num halo resplandecente.

Inútil seguir vizinhos,
que ser depois ou ser antes.
Cada um é seus caminhos.
Onde Sancho vê moinhos
D. Quixote vê gigantes.

Vê moinhos? São moinhos.
Vê gigantes? São gigantes.

ANTÓNIO GEDEÃO

Ó SINO DA MINHA ALDEIA

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho.
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

FERNANDO PESSOA

A UMA GATINHA

Amas, pobre animal, e tens tu pena?...
Ah! pode na tua alma entrar piedade?
Se pode entrar, eu sei! Negar quem há-de
Amor ao tigre, coração à hiena!

Tudo no mundo sente: o ódio é prémio
Dos condenados só, que esconde inferno.
Tudo no mundo sente: a mão do Eterno
A tudo deu irmão, deu par, deu gémeo.

A mim deu-me esta gata, a mim deu-me isto...
Esta fera, que as unhas encolhendo
Pelos ombros me trepa e vem correndo
Beijar-me... Só não vivo! Amado existo!

JOÃO DE DEUS

S. ROMÃO

S. Romão é a terra e o mar
o vento o luar a noite total e o sol.
Em S. Romão cada um é rei de si mesmo
e lá os reis a valer não têm qualquer realidade.
Em S. Romão podemos ficar ao sol
podemos perder-nos dentro da noite
podemos não fazer coisíssima nenhuma
podemos erguer um hino à preguiça
podemos ficar budamente de mãos na barriga
podemos ter poesia que não venha nos livros
podemos ter um cão nosso conhecido
sem nunca nos ter sido apresentado
um cão sem coleira que ladra à lua
livremente cão esquecido do fisco.

.....

S. Romão não é porto de abrigo.
Desde já aviso à navegação.
Não há faroleiro os rochedos são perigosos
o mar sem distância é aventura
promessa de peixe
certeza de fome.

MENDES DE CARVALHO

NATAL CHIQUE

Percorro o dia, que esmorece
Nas ruas cheias de rumor;
Minha alma vã desaparece
Na minha pressa e pouco amor.

Hoje é Natal. Comprei um anjo,
Dos que anunciam no jornal;
Mas houve um etéreo desarranjo
E o efeito em casa saiu mal.

Valeu-me um príncipe esfarrapado
A quem dão coroas no meio disto,
Um moço doente, desanimado...
Só esse pobre me pareceu Cristo.

VITORINO NEMÉSIO

A VOLTA DA PRIMAVERA

Foi-se a quadra fria!
Os bons dias tornaram!
Olha como adornam
Graças aos rosais!

Olha o mar, que espelho!
Como nadam mansos,
Mergulhando, os gansos
Pelos seus cristais!

Como os grous viajam!
Que áureo sol tão limpo !
Claro o azul do Olimpo
Nuvens já não tem!

Em teus chãos lavrados,
Lavrador, exulta!
A semente oculta
já viçando vem!

O olival rebenta,
Pompa verde e prata!
Pâmpanos desata
Báquico vinhal!

Dentre as folhas novas
Ri na flor a truta!
Vê! repara! escuta!
Festa universal!

ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

CÃO

Cão passageiro, cão estrito,
cão rasteiro cor de luva amarela,
apara-lápis, fraldiqueiro,
cão liquefeito, cão estafado,
cão de gravata pendente,
cão de orelhas engomadas,
de remexido rabo ausente,
cão ululante, cão coruscante,
cão magro, tétrico, maldito,
a desfazer-se num ganido,
a refazer-se num latido,
cão disparado: cão aqui,
cão além, e sempre cão.

Cão marrado, preso por um fio de cheiro,
cão a esburgar o osso
essencial do dia-a-dia,
cão estouvado de alegria,
cão formal da poesia,
cão-soneto de ão-ão bem martelado,
cão moído de pancada
e condoído do dono,
cão: esfera do sono,
cão de pura invenção, cão prefabricado,
cão-espelho, cão-cinzeiro, cão-botija,
cão de olhos que afligem,
cão-problema...

Sai depressa, ó cão, deste poema!

ALEXANDRE O´NEILL

SETE ANOS DE PASTOR JACOB SERVIA

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prémio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assim negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida;

começa de servir outros sete anos,
dizendo: - Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida.

LUÍS DE CAMÕES

FÉ

As orações dos homens
Subam eternamente aos teus ouvidos;
Eternamente aos teus ouvidos soem
Os cânticos da terra.

No turvo mar da vida,
Onde em parciais do crime a alma naufraga,
A derradeira bússola nos seja,
Senhor, tua palavra.

A melhor segurança
Da nossa íntima paz, Senhor, é esta;
Esta luz, que há-de abrir à estância eterna
O fúlgido caminho.

Ah, feliz o que pode,
No extremo adeus às cousas deste mundo,
Quando a alma, despida de vaidade,
Vê quanto vale a terra;

Quando as glórias frias
Que o tempo dá e o mesmo tempo some,
Despida já, os olhos moribundos
Volta às eternas glórias;

Feliz o que nos lábios,
No coração, na mente põe teu nome,
E só por ele cuida entrar cantando
No seio do infinito!

MACHADO DE ASSIS

AS CASAS VIERAM DE NOITE

As casas vieram de noite
De manhã são casas
À noite estendem os braços para o alto
fumegam vão partir

Fecham os olhos
percorrem grandes distâncias
como nuvens ou navios

As casas fluem de noite
sob a maré dos rios

São altamente mais dóceis
que as crianças
Dentro do estuque se fecham
pensativas

Tentam falar bem claro
no silêncio
com sua voz de telhas inclinadas

LUIZA NETO JORGE

CARTA DA INFÂNCIA

Amigo Luar:

Estou fechado no quarto escuro
e tenho chorado muito.
Quando choro lá fora
ainda posso ver as lágrimas caírem na palma das minhas
mãos e brincar
com elas ao orvalho nas flores pela manhã.
Mas aqui é tudo por demais escuro
e eu nem sequer tenho duas estrelas nos meus olhos!
Lembro-me das noites em que me fazem deitar tão cedo e
te oiço bater,
chamar e bater, na fresta da minha janela...

Pelo muito que te tenho perdido enquanto durmo
vem agora
(no bico dos pés
para que eles te não sintam lá dentro)
brincar comigo aos presos no segredo
quando se abre a porta de ferro a luz diz:
Bons dias, amigo!

CARLOS DE OLIVEIRA

O LUAR QUANDO BATE NA RELVA

O luar quando bate na relva
não sei que coisa me lembra...
Lembra-me a voz de criada velha
contando-me contos de fadas.
E como Nossa Senhora vestida de mendiga
andava à noite nas estradas
socorrendo as crianças maltratadas...

Se eu já não posso crer que isso é verdade
para que bate o luar na relva?

ALBERTO CAEIRO

VOU SOBRE O OCEANO

Vou sobre o Oceano (o luar de doce enleva!)
Por este mar de Glória, em plena paz.
Terras de Pátria somem-se na treva,
águas de Portugal ficam, atrás.

Onde vou? Meu fado onde me leva?
António, onde vais tu, doido rapaz?
Não sei. Mas o Vapor, quando se eleva,
lembra o meu coração, na ânsia em que jaz.

Ó Lusitânia que te vais à vela!
Adeus! que eu parto (rezarei por ela)
na minha Nau Catrineta, adeus!

Paquete, meu Pacote, anda ligeiro,
sobe depressa à gávea, Marinheiro,
e grita, França! pelo amor de Deus!

ANTÓNIO NOBRE

AO DESCONCERTO DO MUNDO

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos
E para mais me espantar
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado
Fui mau mas fui castigado.
Assim que, só para mim,
Anda o mundo concertado.

LUÍS DE CAMÕES

VOZ QUE SE CALA

Amo as pedras, os astros e o luar
que beija as ervas do atalho escuro,
amo as águas de anil e o doce olhar
dos animais, divinamente puro.

Amo a hera que entende a voz do muro
e dos sapos, o brando tilintar
de cristais que se afagam devagar,
e da minha charneca o rosto duro.

Amo todos os sonhos que se calam
de corações que sentem e não falam,
tudo o que é infinito e pequenino!

Asa que nos protege a todos nós!
solução imenso, eterno, que é a voz
do nosso grande e mísero Destino!...

FLORBELA ESPANCA

O VELHO PALÁCIO

Houve outrora um palácio, hoje em ruínas,
Fundado numa rocha, à beira-mar...
Donde se avistam lívidas colinas,
E se ouve o vento nos pinhais pregar.
Houve outrora um palácio, hoje em ruínas...

Nesse triste palácio inabitável,
As janelas sem vidros, contra os ventos,
Batem de noite, em coro miserável,
Lembrando gritos, uivos e lamentos.
Nesse triste palácio inabitável...

Só resta uma varanda solitária,
Onde medra uma flor que bate o norte,
Sacudida de chuva funerária,
Lavada de um luar branco de morte.
Só resta uma varanda solitária...

Como nessa varanda apodrecida
Em minha alma uma flor também vegeta...
Toda a noite dos ventos sacudida,
Íntima, humilde, lírica, secreta,
Como nessa varanda apodrecida...

GOMES LEAL

DO SEU LONGÍNQUO REINO COR-DE-ROSA

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,
Voando pela noite silenciosa,
A fada das crianças vem, luzindo.
Papoulas a coroam, e, cobrindo
Seu corpo todo, a tornam misteriosa.

À criança que dorme chega leve,
E, pondo-lhe na frente a mão de neve,
Os seus cabelos de ouro acaricia –
E sonhos lindos, como ninguém teve,
A sentir a criança principia.

E todos os brinquedos se transformam
Em coisas vivas, e um cortejo formam:
Cavalos e soldados e bonecas,
Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam,
E palhaços que tocam em rabecas...

E há figuras pequenas e engraçadas
Que brincam e dão saltos e passadas...
Mas vem o dia, e, leve e graciosa,
Pé ante pé, volta a melhor das fadas
Ao seu longínquo reino cor-de-rosa.

FERNANDO PESSOA

LIBERA ME

Livrai-me, Senhor,
de tudo o que for
vazio de amor.

Que nunca me espere
quem bem me não quer
(homem ou mulher).

Livrai-me também
de quem me detém
e graça não tem.

E mais de quem não
possui nem um grão
de imaginação.

CARLOS QUEIROZ

O MENINO DA SUA MÃE

No plaino abandonado
Que a morna brisa aquece,
De balas trespassado
- Duas, de lado a lado -,
Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.
De braços estendidos,
Alvo, louro, exangue,
Fita com o olhar languê
E cego os céus perdidos.

Tão jovem! que jovem era!
(Agora, que idade tem?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
"O menino de sua mãe."

Caiu-lhe da algibeira
A cigarreira breve.
Dera-lhe a mãe. Está inteira
E boa a cigarreira.
Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada
Ponta a roçar o solo,
A brancura embainhada
De um lenço... Deu-lho a criada
Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:
"Que volte cedo, e bem!"
(Malhas que o império tece!)
Jaz morto, e apodrece,
O menino da sua mãe.

FERNANDO PESSOA

ARIANE

Ariane é um navio.
Tem mastros, velas e bandeira à proa,
e chegou num dia branco, frio,
a este rio Tejo de Lisboa.

Carregado de Sonho, fundeou
dentro da claridade destas grades...
Cisne de todos que se foi, voltou
só para os olhos de quem tem saudades...

Foram duas fragatas ver quem era
um tal milagre assim: era um navio
que se balança ali à minha espera
entre gaivotas que se dão no rio.

Mas eu é que não pude ainda por meus passos
sair desta prisão em corpo inteiro,
e levantar a âncora, e cair nos braços
de Ariane, o veleiro.

MIGUEL TORGA

POEMA DA AUTO-ESTRADA

Voando vai para a praia
Leonor na estrada preta
vai na brasa, de lambreta.

Leva calções de pirata,
vermelho de alizarina,
modelando a coxa fina
de impaciente nervura.
Como guache lustroso,
amarelo de indantreno
blusinha de terileno
desfraldada na cintura.

Fuge, fuge, Leonoreta.
Vai na brasa, de lambreta.
Agarrada ao companheiro
na volúpia da escapada
pincha no banco traseiro
em cada volta da estrada.
Grita de medo fingido,
que o receio não é com ela,
mas por amor e cautela
abraça-o pela cintura.
Vai ditosa, e bem segura.

Como um rasgão na paisagem
corta a lambreta afiada,
engole as bermas da estrada
e a rumorosa folhagem.
Urrando, estremece a terra,
bramir de rinoceronte,
enfia pelo horizonte
como um punhal que se enterra.
Tudo foge à sua volta,

o céu, as nuvens, as casas,
e com os bramidos que solta
lembra um demónio com asas.

Na confusão dos sentidos
já nem percebe, Leonor,
se o que lhe chega aos ouvidos
são ecos de amor perdidos
se os rugidos do motor.

Fuge, fuge, Leonoreta
vai na brasa, de lambreta.

ANTÓNIO GEDEÃO

O SILVA

Morreu o filho do barbeiro,
Uma criança de cinco anos.
Conheço o pai – há um ano inteiro
Que me barbeia e nos falamos.

Quando mo disse, o que em mim há
De coração sofreu assombro
E eu abracei-o, incerto já,
E ele chorou sobre o meu ombro.

Nunca acho uma atitude plana
Na vida estúpida e tranquila;
Mas, meu Deus, sinto a dor humana!
Nunca me tires o senti-la!

FERNANDO PESSOA

QUEM FEZ AO SAPO O LEITO CARMESIM

Quem fez ao sapo o leito carmesim
de rosas desfolhadas à noitinha?
E quem vestiu de monja a andorinha,
e perfumou as sombras do jardim?

Quem cinzelou estrelas no jasmim?
Quem deu esses cabelos de rainha
ao girassol? Quem fez o mar? E a minha
alma a sangrar? Quem me criou a mim?

Quem fez os homens e deu vida aos lobos?
Santa Teresa em místicos arroubos?
Os monstros? E os profetas? E o luar?

Quem nos deu asas para andar de rastros?
Quem nos deu olhos para ver os astros
- Sem nos dar braços para os alcançar?

FLORBELA ESPANCA

VIVAM, APENAS

Vivam, apenas
sejam bons com o sol.
Livres como o vento.
Naturais como as fontes.

Imitem as árvores dos caminhos
que dão flores e frutos
sem complicações.

Mas não queiram convencer os cardos
a transformar os espinhos
em rosas e canções.

E principalmente não pensem na Morte.
Não sofram por causa dos cadáveres
que só são belos
quando se desenham na terra em flores.

Vivam, apenas.
A Morte é para os mortos!

JOSÉ GOMES FERREIRA

SANTO E SENHA

Deixem passar quem vai na sua estrada.
Deixem passar
Quem vai cheio de noite e luar.
Deixem passar e não lhe digam nada.

Deixem, que vai apenas
Beber água de Sonho a qualquer fonte;
Ou colher açucenas
A um jardim que ele lá sabe, ali defronte.

Vem da terra de todos, onde mora
E onde volta depois de amanhecer.
Deixem-no pois passar, agora

Que vai cheio de noite e solidão.
Que vai ser
Uma estrela no chão.

MIGUEL TORGA

SER POETA

Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer o que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!

FLORBELA ESPANCA

FIM

Quando eu morrer batam em latas,
Rompam aos saltos e aos pinotes,
Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas!

Que o meu caixão vá sobre um burro
Ajaezado à andaluza...
A um morto nada se recusa
E eu quero por força ir de burro!

MÁRIO SÁ-CARNEIRO

CANÇÃO DE UMA SOMBRA

Ah, se não fosse a névoa da manhã
E a velhinha janela onde me vou
Debruçar, para ouvir a voz das coisas,
Eu não era o que sou.

Se não fosse esta fonte, que chorava,
E como nós cantava e que secou...
E este sol, que eu comungo, de joelhos,
Eu não era o que sou.

Ah, se não fosse este luar, que chama
Os espectros à vida, e se infiltrou,
Como fluido mágico, em meu ser,
Eu não era o que sou.

Ah, se não fosse a noite misteriosa
Que meus olhos de sombra povoou,
E de vozes sombrias meus ouvidos,
Eu não era o que sou.

Sem esta terra funda e fundo rio,
Que ergue as asas e sobe, em claro voo;
Sem estes ermos montes e arvoredos,
Eu não era o que sou.

TEIXEIRA DE PASCOAIS

VEM, VENTO, VARRE

Vem, vento, varre
sonhos e mortos.
Vem, vento, varre
medos e culpas.
Quer seja dia,
quer faça treva,
varre sem pena,
leva adiante
paz e sossego,
leva contigo
nocturnas preces,
presságios fúnebres,
pávidos rostos
só cobardia.

Que fique apenas
erecto e duro
o tronco estreme
de raiz funda.

Leva a doçura,
se for preciso:
ao canto fundo
basta o que basta.

Vem, vento, varre!

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

A PAZ SEM VENCEDOR E SEM VENCIDOS

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Que o tempo que nos deste seja um novo
Recomeço de esperança e de justiça.
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Erguei o nosso ser à transparência
Para podermos ler melhor a vida

Para entendermos vosso mandamento
Para que venha a nós o vosso reino
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Fazei Senhor que a paz seja de todos
Dai-nos a paz que nasce da verdade
Dai-nos a paz que nasce da justiça
Dai-nos a paz chamada liberdade
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

QUANDO AS CRIANÇAS BRINCAM

Quando as crianças brincam
E eu as oiço brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar

E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda de alegria
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,
E quem serei visão,
Quem sou ao menos sinta
Isto no coração.

FERNANDO PESSOA

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org

www.josemariaalves.blogspot.com